



ABAIXO O REGIME DE PANELAS VAZIAS!

REPORTAGEM NA PAGINA CENTRAL



Convertamos em realidade de as idéias do grande Stálin

A mais alta expressão da imensa dor dos comunistas brasileiros e de todo o nosso povo pela morte do grande Stálin nosso mestre, guia e pai, é a Carta Aberta do C. N. do P.C.B. aos militantes, aos trabalhadores, ao povo. Documento político da maior importância, a Carta Aberta foi recebida pelos comunistas, pelos amigos do Partido de Prestes, por todas as pessoas avançadas de nossa pátria como um informe da direção nacional. Os comunistas consideram um dever discutir nas suas organizações partidárias, assimilar seus ricos ensinamentos e utilizá-la como um poderoso instrumento para trabalhar com mais eficiência e acerto junto às massas populares.

A grande perda nos golpeou profundamente a todos porque devemos a Stálin tudo o que somos. Foi Stálin quem nos elevou como homens, quem nos deu a compreensão da responsabilidade e do dever nas tarefas históricas da época em que vivemos. Foi Stálin quem deu a milhões de oprimidos e explorados no mundo inteiro a razão da própria vida, porque lhes inculcou a fé e a certeza na vitória. O futuro de paz e felicidade dos povos foi traçado por Stálin, o maior dos gênios e aquele que mais realizou pelo bem da humanidade. A Carta Aberta nos convoca para converter em realidade as idéias do grande e imortal Stálin. Ela nos concita à luta, adverte que nossa responsabilidade aumentou de forma incomensurável. Porque somente a mobilização de tudo o que a classe operária internacional tem de melhor pode preencher o claro aberto pela perda de Stálin. Ainda não avaliamos suficientemente a imensidade da perda sofrida, ainda resistimos a acreditar que Stálin tenha morrido, ainda nos surpreendemos a trabalhar como se Stálin velasse por nós.

Os inícuos da humanidade procuram tirar proveito da morte de Stálin, tentam avançar no caminho da guerra. Mais do que nunca, o momento exige fibra e firmeza stalinistas, mais do que nunca é indispensável assimilar e aplicar as idéias de Stálin, lutar por elas e convertê-las em realidade.

O maior ensinamento deixado por Stálin é o da necessidade de um Partido revolucionário, da classe operária. Por isso, a Carta Aberta coloca o reforçamento do Partido no centro das tarefas e instituiu o RECRUTAMENTO STALIN, vindo assim ao encontro da melhor aspiração dos operários fiéis à sua classe, de combatentes destacados das massas que, feridos no mais íntimo de seu ser pela morte de Stálin, sentem suas responsabilidades aumentadas e querem ingressar no Partido de Prestes, o partido que procura aplicar as idéias de Stálin em nossa pátria, para a felicidade de nosso povo.

A campanha de assinaturas, na «Homenagem do povo brasileiro ao grande Stálin», expressará o amor do povo por Stálin e sua confiança na URSS. Esta campanha levará às massas populares o nome de Stálin, reforçará a convicção internacionalista, de harmonia e fraternidade entre todas nações, da vanguarda do proletariado e de todo o povo. Os arreganhos da reação não impedirão a coleta que é calorosamente acolhida pelo nosso povo que já mais fará a guerra contra a União Soviética. Os comunistas difundirão mais e mais, incansavelmente esta palavra de ordem, pois ela corresponde aos mais profundos interesses de nossa pátria.

A Carta Aberta chama-nos a aprender com Stálin, estudar e divulgar sua obra. Os comunistas compreendem as tarefas nelas traçadas, tarefas imediatas e urgentes. Com decisão e entusiasmo planificarão a sua execução, reforçando o glorioso PCB, impulsionando a luta contra a carestia e a fome, a luta sagrada pela paz e a independência nacional.

Homenagem do povo brasileiro ao grande Stálin

Centenas de milhares de assinaturas em homenagem à memória do grande Stálin — eis o objetivo da grande campanha lançada pela VOZ OPERÁRIA e em suas jornadas populares de todo o país. Esta é a maneira mais simples e acessível para as grandes massas populares externarem seu entusiasmado amor ao Campeão da Paz, sua solidariedade ao povo soviético.

Por meio de conferências sobre a vida e a obra de Stálin, realizando palestras para grupos operários e suas famílias discutindo com os jovens sobre as grandiosas idéias stalinistas transformadoras do mundo, explicando aos camponeses o que significa para sua libertação, para que a terra

seja de quem nela trabalha, levar à prática as idéias de Stálin debatendo com as mulheres a decisiva contribuição de Stálin à causa da paz e da felicidade humana, enfim ligando-se estreitamente à massa é que os ativistas desta grande campanha alcançarão o êxito.

As listas para a coleta de assinaturas poderão ser providas em nossa redação, nas sedes de nossas sucursais nos Estados. Nada mais fácil, entretanto, do que confeccionar uma lista dessas. Basta escrever à máquina ou mesmo à mão de modo bem legível o nome da cidade, se for o caso, o nome da fábrica ou fazenda escola ou navio e em seguida a frase: «HOMENAGEM DO POVO

BRASILEIRO AO GRANDE STALIN». É preciso apenas ter o cuidado de deixar uma margem de quatro centímetros para que as folhas possam ser encadernadas mais tarde. Feito isto e colher as assinaturas. Quando a folha já estiver cheia, é enviá-la à nossa redação ou entregá-la numa sucursal ou a um agente da VOZ OPERÁRIA e continuar o trabalho com nova folha.

Grupos de cotistas ou leitores da VOZ, grupos de amigos de nosso jornal podem organizar um plano próprio de trabalho, programar uma pequena palestra planejar a distribuição de um grande número de listas entre seus amigos parentes colegas ou companheiros de trabalho. A leitura co-

letiva da biografia de Stálin que estamos publicando em suplemento pode dar o ensejo por exemplo ao início do trabalho. A discussão do último discurso de Stálin, no XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, pode tornar-se o ponto de partida dum bom trabalho de coleta de assinaturas. A apresentação de artigos sobre a personalidade, a vida e a obra, as idéias de Stálin, eis outro meio de despertar o entusiasmo das pessoas simples pela homenagem ao maior amigo de nosso povo. Poderíamos multiplicar os exemplos. Existem todas as condições para viver avante esta iniciativa que vem ao encontro dos sentimentos mais puros e nobres do nosso povo.

VOZ DOS LEITORES

O povo de Franca forçou a baixa do arroz e do pão

O povo da Mogiana já não aguenta mais a situação de crise e miséria, carestia de vida, baixos salários e alugueis caros, os impostos de casas de trabalhadores que subiram em dobro, como em Ribeirão Preto. Tudo isso é causado pela política de guerra do governo.

Mas, o povo toma posição. Aqui na zona Mogiana não se deixa esfomear sem luta. Em Ribeirão Preto os Sindicatos estão em assembleia permanente tratando da redução do custo da vida; o povo se organiza em Comissões contra a carestia por todos os bairros da cidade (Vila Europa, Campos Eliseus, Vila Recreios, Barracão, etc.). Os operários nas fábricas lutam e o movimento contra a carestia vai para as fazendas. Na fazenda Guataparã, os imigrantes abandonaram a fazenda.

Os sindicatos já mandaram, no dia 17 deste, um comunicado ao prefeito, ao inspetor do trabalho, ao delegado de polícia, avisando que estão lutando contra a carestia e por aumento de 80% de salários para quem ganha até 1.000 cruzeiros e 60 por cento para

quem ganha acima de 1.000 cruzeiros. Os sindicatos se colocam à frente de todo o povo de Ribeirão Preto.

Em Jardinópolis, na luta contra a carestia, os comerciantes declararam-se em greve contra o aumento de impostos que não pagarão este ano se não forem rebaixados.

Na cidade de Franca o povo saiu à rua, fez duas assembleias-monstro, criou uma Comissão central contra a carestia e diversas nos bairros e fazendas. A Câmara autorizou o Prefeito a contrair um empréstimo de 4 milhões de cruzeiros para adquirir cereais a fim de vender arroz a 6 cruzeiros e outros gêneros mais baratos para o povo. O pão, que estava a 10 cruzeiros o quilo, foi reduzido para 7; o arroz, que tinha subido e nem a 15 cruzeiros o quilo era encontrado, baixou provisoriamente para 9, devido às grandes manifestações do povo. O povo de Franca está vigilante e organizado. Os sindicatos estão agindo ao lado do povo e se não forem baixados os preços, o povo irá baixá-los à força.

Em Igarapava, os proprietários de fazendas de cana ameaçaram despedir trabalhadores sob pretexto de que não chovia e por isso era escasso o serviço de carpa (capinação). Entretanto, os trabalhadores se organizaram e decidiram não se mudar e foram buscar o que comer onde houvesse. Então os fazendeiros recuaram alegando que começara a chover, o mato iria crescer e nesse caso seria preciso carpir...

Em Miguelópolis, ameaçam a miséria e a fome. O desemprego é grande. Muitos desempregados andam dormindo no mato. Mas, os meeiros se unem num só pensamento não entregarem a «meia» para os donos da terra e dispostos a ir buscar alimento onde existir. Os fazendeiros falam em aumentar para 3 mil cruzeiros o alqueire de terra para o pequeno arrendatário mas, os pequenos arrendatários e meeiros estão preparados e não vão mudar das fazendas.

Em Ituverava, o povo se preparou para ir buscar cereais. No dia 6 deste o delegado Barbante desceu lá com uma escolta de «tiras» e soldados; prendeu 60 pessoas mas teve que soltá-las imediatamente. A 11 do corrente houve outro movimento e Barbante com seu bando prendeu 30 pessoas mas também teve de soltá-las. O povo de Ituverava está firme e disposto, exigindo a baixa do custo de vida. Barbante não amedronta ninguém e o movimento continua; cada vez mais forte e unido.

Em Pontal, também o povo está preparado na luta contra a carestia. Em todas as cidades da zona Mogiana como Batatais, S. João da Boa Vista, Sertãozinho, etc o povo reage contra a carestia e a conversa é esta: ou baixa o custo da vida que Getúlio e Garcez procuram elevar cada vez mais, ou o pau quebra e não haverá delegados Barbantes que consigam deter o povo.

E, assim vai: Guaiara, Morro Agudo, São Joaquim da Barra, em muitos e muitos lugares o povo enfrenta com êxito a luta contra a carestia — Ribeirão, 18-2-53 — Bruno Ferreira,

Exigem aumento de salários

«Os metalúrgicos de São João Monlevade em grande assembleia no sindicato, exigiram do Diretor da Cia. Belgo Mineira, o aumento de 50 por cento para os trabalhadores horistas. A Cia. então, prometeu dar um aumento provisório a partir de 1-XI-52, até quando em 1º de janeiro de 1953 se faria o reajustamento dos salários. As autoridades sindicais concordaram com isto mas, acontece que chegamos em janeiro e, somente em 1º de fevereiro é que veio o aumento, ainda assim não para todos. Para cada seção veio um aumento de 10, 20, 30, a 50 centavos para uns poucos. A maior parte dos trabalhadores, porém, ficou na mesma. Os que ficaram sem aumento protestam e exigem aumento também. Aqui as leis só são justas para os estrangeiros que nos exploram, e que tentam dividir os trabalhadores.

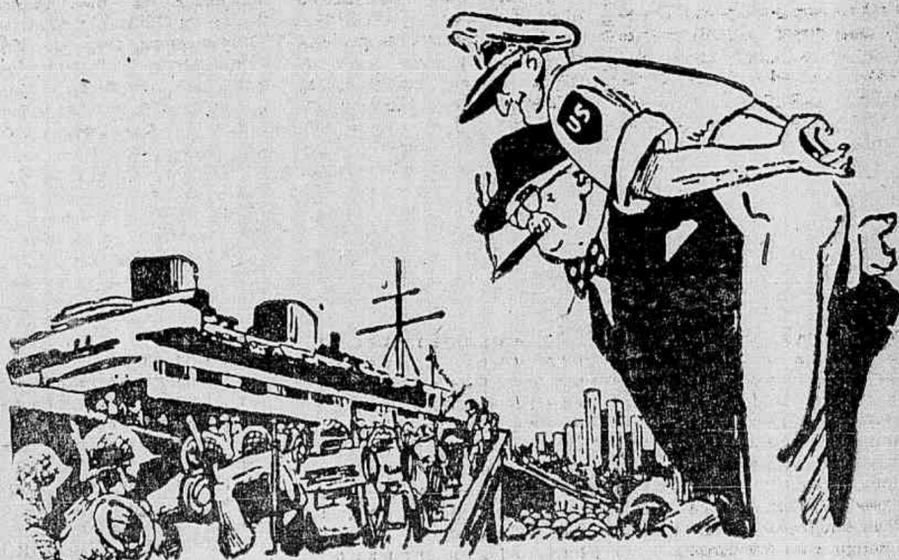
Diante disso, o presidente do Sindicato, forçado pelos trabalhadores foi ao Rio falar com Getúlio mas não foi recebido por ele. Nestas condições não podemos confiar em promessas de «pai dos pobres». Temos de lutar unidos por nossas reivindicações. Aqui em Monlevade, Estado de Minas, a Cia. Belgo Mineira faz o que muito bem entende porque para ela não há leis. Os donos e mandões dizem que compram as leis brasileiras com dinheiro. Enquanto ela aumenta alguns operários para 7, 8 e 9 cruzeiros por hora, a maior parte dos 3 mil operários recebem salários de 3,30, 4,00 e 5,00 cruzeiros muitos dos quais tendo de sustentar esposa e filhos. O hospital aumentou sua

diária de 6 para 30 cruzeiros. Qual o operário que pode sustentar trinta dias lá com o salário miserável que recebe?

Nos terrenos da Cia. residiam 2 mil pessoas dentro as quais aposentados, viúvas e velhos que plantavam e cultivavam naqueles terrenos. A Cia. determinou de um modo brusco, a retirada dos moradores e em seguida ordenou que queimassem as casas, jogando as malas e haveres de seus moradores pela porta a fora. Não satisfeitos com isso, soltaram animais nas lavouras que os moradores tinham em seus quintais. São responsáveis por isso, o sr. Luiz Enchi, luxemburguês, proprietário, e Dr. Paulo, engenheiro chefe da Cia., o administrador José Alves que dirigiu pessoalmente a queimação das casas, um ignorante, e José Raimundo Valamier que ficou rico com a exploração dos carvoeiros. Este Valamier foi um dos grandes culpados na queimação das casas e das lavouras dos aposentados e viúvas, ele pôs seus animais de carga para devorar a lavoura dos operários.

O reporter da revista «O Cruzeiro» esteve aqui fazendo reportagem, mas só escreveu coisas da Cia. Belgo Mineira. «Esqueceu-se», entretanto, de citar em sua revista, a miséria em que vivem os operários que recebem salários de fome, morando em barracos de tábuas ou em ranchos de sapê com chão batido. Esse reporter não quis dizer também em sua revista que ao bulir com certa mocinha daqui tentando bancar o bonitão, levou tremenda surra da população revoltada do bairro do Jacu (a.) João Teixeira Costa.

A CAMINHO DA COREIA



— Boa viagem, rapazes, vossas ações farão subir as nossas ações.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA
 MATRIZ: Av. Rio Branco, 267 - 17º andar - Sala 1712
 SUCURSAIS

SÃO PAULO — Rua dos Estudantes, 34 - Sala 29;
F. ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, 527 - S. 48
RECIFE — Rua da Palma, 295 - Sala 205 - Ed. Sael;
SALVADOR — Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;
FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 1248 - S. 22

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 60,00
 Semestral Cr\$ 30,00
 Trimestral Cr\$ 15,00
 N.º Avulso Cr\$ 1,00
 N.º atrasado Cr\$ 1,00

Este semanário é reimpresso em S. PAULO — RECIFE — PORTO ALEGRE — FORTALEZA — SALVADOR e BELEM.

Glória Eterna ao Grande Stálin

Diógenes Arruda

O coração generoso do grande Stálin deixou de bater; deixou de trabalhar o cérebro genial da Stálin. Esses dias são dias de luto e de dor para os comunistas, os trabalhadores, os homens simples e honrados.

O povo brasileiro, os povos da grande União Soviética, pentenas de milhões de operários do mundo inteiro, com sentimentos de profundo amor e veneração, derramam suas lágrimas mais sentidas, choram comovidos, rendem seus tributos à memória do genial chefe dos trabalhadores — ao querido e bem amado Stálin. O nome do camarada Stálin é o mais caro e querido da humanidade trabalhadora. Stálin é o símbolo de tudo quanto a humanidade produziu de avançado, progressista, revolucionário, sábio e genial.

Glória eterna ao grande Stálin.



Conta-se que, certa vez, na União Soviética, uma jovem estudante assim preencheu uma ficha escolar:

Nome do pai: Stálin.

Profissão do pai: Revolucionário.

Este revolucionário sem igual, supremo modelo do revolucionário proletário, trabalhador que só trabalhou para o bem dos trabalhadores nasceu a 21 de dezembro de 1879, num pequeno casebre de madeira na cidadezinha georgiana de Gori. Seu pai era sapateiro e sua mãe era filha de camponeses servos.

Dos 73 anos de sua gloriosa vida, o camarada Stálin dedicou 58 anos à causa sagrada da revolução e do socialismo. Sua vida foi uma vida cheia de privações, perigos, lutas tenazes e grandes trabalhos, mas também de êxitos sucessivos e de históricas vitórias. Stálin só teve um objetivo: lutar pela libertação da classe operária e de todos os trabalhadores das cadeias da exploração capitalista, lutar por uma vida livre da escravidão imperialista para os povos nacionalmente oprimidos.

Desde o começo de suas atividades revolucionárias, o camarada Stálin dedicou toda a sua vida à luta pela emancipação da classe operária, pelo desenvolvimento de sua consciência de classe, pela conquista de seu papel hegemônico na revolução, como chefe e dirigente de todos os trabalhadores, especialmente da grande massa camponesa. Já em 1906 Stálin dizia que «só pode ser progressista até o fim, só pode sacudir o jugo da escravidão, a classe que cresce dia a dia, que vai sempre para frente e luta de um modo infatigável por um futuro melhor. A única classe que cresce indefinidamente, que vai sempre para frente e luta pelo futuro, é o proletariado. Por conseguinte, devemos servir ao proletariado e cifrar nele nossas esperanças.» Daí sua luta infatigável para dar ao proletariado a consciência de sua própria missão, indicando ao proletariado o caminho da luta de classes. Stálin defendeu e desenvolveu os ensinamentos marxista-leninistas sobre a luta de classes, explicou mil vezes que esta é a força motriz da história, desmascarando a essência burguesa da teoria reformista da harmonia entre as classes, a teoria da colaboração de classes. O proletariado necessita utilizar todas as formas de luta de classes, greves econômicas e políticas, greves parciais e gerais, demonstrações, campanhas, participação

nos organismos representativos — insurreição, etc., como meio indispensável para desenvolver sua consciência de classe e sua organização. Para conquistar vitórias e para cumprir seu papel dirigente na luta pela libertação dos explorados e oprimidos, a classe operária necessita agrupar-se estreitamente, unificar suas fileiras, criar poderosas organizações. Stálin dizia que a consciência de classe e a organização são tão imprescindíveis ao proletariado como o ar que respiramos.

Mas Stálin também mostrou que o papel dirigente do proletariado tanto na luta dos explorados contra os exploradores como na luta dos povos oprimidos contra a escravidão imperialista não pode ser exercido espontaneamente sem um estado-maior suficientemente experimentado e suficientemente consciente. Isto exige um Partido composto da parcela mais avançada e mais combativa da classe operária, perfeitamente organizado; isto exige um Partido com uma compreensão clara do caminho que a classe operária deve percorrer em sua luta emancipadora, perfeitamente conhecedor das necessidades e dos objetivos da classe operária, convicto enfim de que a classe operária é a única classe revolucionária até o fim — a classe chamada pela história para libertar a humanidade e proporcionar felicidade ao mundo (Stálin). Tal partido é o Partido Comunista. Stálin dizia que «este Partido deve ser um Partido de classe, completamente independente dos demais partidos, porque é o Partido da classe dos proletários cuja emancipação só pode ser alcançada pelos próprios esforços dos proletários; este Partido deve ser um partido revolucionário, porque a emancipação dos operários só é possível pela via revolucionária, por meio da revolução». Por isso o Partido Comunista tem que estar livre de oportunismo, ser intransigente para com os oportunistas e esquerdistas, capituladores ou portavozes de desvios nacionalistas, revolucionário diante dos inimigos do proletariado e do Poder dos exploradores e opressores, arraigado nas grandes, empresas e nas concentrações operárias. É de todo evidente que o Partido para ser um Partido de luta revolucionária, um Partido marxista-leninista, tem que conhecer as leis do desenvolvimento da vida social — saber como se processa a luta de

classes, saber quais os objetivos e as tarefas que devem ser apresentadas à classe operária e quais os melhores meios para se conseguir a realização desses objetivos e tarefas. Somente com o domínio da teoria marxista-leninista-stalinista o Partido pode desempenhar com êxito o papel de dirigente político da classe operária, de inspirador e organizador das massas. Como genial mestre na arte de dirigir, o grande Stálin advectia constantemente que «dirigir quer dizer convencer as massas do acerto da política do Partido; dirigir quer dizer encontrar e realizar soluções tais que tragam as massas para as posições do Partido, facilitando-lhes, pela própria experiência, reconhecer o acerto da política do Partido; dirigir quer dizer elevar o nível de consciência das massas ao nível de consciência do Partido e com isto assegurar o apoio das massas e sua disposição para o embate decisivo».

A doutrina stalinista do Partido é para nós de atualidade particular. As tarefas que temos pela frente elevam nossas responsabilidades e exigem com força o crescimento sistemático do Partido e a elevação sistemática do nível político e ideológico do Partido. Não seria possível realizar com êxito a luta pela paz, as liberdades democráticas e a independência nacional, a luta por terra gratuita para os camponeses e por um governo democrático-popular, luta de proporções sem precedentes na história de nosso povo, se quem a dirigisse fosse um partido estreito e pequeno, ou se o Partido tivesse dirigentes limitados pelo culto ao praticismo. Para dirigir vitoriosamente uma tal batalha é necessário possuir um grande Partido é necessário contar com numerosos quadros bons e preparados. Nosso Partido precisa recrutar milhares de novos membros e construir centenas de novas células de empresa; nosso Partido precisa educar politicamente todos os seus militantes, transformando-os em militantes conscientes de sua missão de vanguarda junto às massas; nosso Partido precisa formar planificadamente dezenas de bons dirigentes do Partido e das massas, armados do marxismo-leninismo-stalinismo e de espírito prático e combativo, conhecedores tão bem da realidade nacional como das mínimas particularidades do lugar onde atuam, realizadores e organizadores incansáveis que façam frutificar em todos os terrenos a política do Partido de Prestes.

Eis o que nos ensina o

grande Stálin, o sábio chefe do proletariado revolucionário, o genial construtor do Partido. Nenhuma dificuldade ou infortúnio, nem as prisões nem os anos de cárceres nem as deportações nem as dores torturas, nem a dura vida no trabalho clandestino nem as mais intensas lutas ou as mais cruentas batalhas, puderam obrigar o camarada Stálin a abandonar um instante sequer o caminho que escolheu quando tinha 15 anos de idade. Em resposta às organizações e camadas que o haviam felicitado em 1929 por seu 50.º aniversário, Stálin disse: «Podeis estar certos, camaradas, que estou disposto daqui para a frente também a entregar à causa da classe operária, à causa da revolução proletária e do comunismo mundial todas as minhas forças, tudo o que valho e posso e, se necessário fosse, até a última gota de meu sangue». Assim foi Stálin como chefe supremo e sábio comandante dos trabalhadores. Durante mais de meio século, dedicada e abnegadamente, com perseverança e tenacidade, Stálin dirigiu ininterruptamente a grande luta revolucionária para conquistar na terra uma vida livre e feliz para a humanidade trabalhadora. Apreçamos, pois, hoje, amanhã e sempre com o grande Stálin. Sejam dirigentes de tipo stalinista, com modéstia stalinista, firmes e persistentes na luta para alcançar nossos objetivos revolucionários, intransigentes para com a franfonia, para com os amantes de fraseado vazio, os charlatães os céticos, os chorões e os semeadores de boatos e de pânico. Sejam lutadores consequentes pela organização do proletariado e pela elevação de sua consciência de classe, fiéis à causa da classe operária, autênticos homens de Partido. Glória eterna ao grande Stálin.

Nestes dias, no mundo inteiro, centenas de milhões de trabalhadores, voltam-se para a União Soviética, para o Partido Comunista da União Soviética e para o Comitê Central stalinista. É justificada essa ilimitada confiança. Ali encontram-se nossas esperanças, a garantia segura de um futuro livre e feliz, a certeza na vitória, a estrela-guia que norteia nossas rotas. Sabemos que Stálin fez da União Soviética um poderoso combatente da paz mundial entre os povos, o inexpugnável baluarte do socialismo. Sabemos que Stálin fez do Partido Comunista da União Soviética um Partido verdadeiramente invencível, o pensamento a honra e a glória de nossa época. Sabemos que Stálin forjou um Comitê Central com a tempera stalinista, uma direção autenticamente stalinista, à cuja frente encontra-se seu fiel e grande discípulo, o camarada Malenkov. Glória eterna ao grande Stálin.

«O camarada Stálin... Como nos acostumamos a pronunciar com docura essas palavras queridas. Pronunciá-las por anos a fio com amor e devoção. Nos cárceres nas câmaras de torturas, na vida dura da clandestinidade, nos momentos difíceis ou de alegria, sempre o camarada Stálin estava em nossos pensamentos e em nossos corações. Agora dizemos com profundo sentimento, com grande dor: Adeus camarada Stálin, querido amigo e mestre amado. Glória eterna ao grande Stálin.»

O POVO CHORA A MORTE DE STÁLIN

Honraremos Stálin

Faleceu Stálin. Todo o povo soviético chora esta grande perda. Todos os comunistas do mundo inteiro — freem, todos os operários se reunem para render sua última homenagem e para expressar os seus sentimentos e o seu reconhecimento àquele que em vida foi um verdadeiro pai da humanidade.

Não seria preciso mais dizer quem foi Stálin pois os seus próprios feitos já disseram tudo. Foi Stálin quem conduziu seu povo com segurança por todo este tempo, foi Stálin quem inspirou todos os povos na luta pela paz quando disse que a guerra pode ser impedida se os povos tomarem em suas mãos a causa da paz e lutarem por ela até o fim.

A morte do Stálin foi realmente uma grande perda, não resta dúvida. Mas de outro lado devemos nos sentir confortados por ter vivido 73 anos e por ter deixado para nós o fruto do seu trabalho — a união da classe operária, a união dos povos e o Partido Comunista que continuará na luta que sempre foi a sua luta, assim como ele continuou a luta que foi a luta de Lênin.

O momento que atravessamos é difícil. Tramam contra nosso povo. Por meio do

acordo militar, os imperialistas americanos querem nos escravizar, impondo condições políticas e econômicas, querem saquear nossas riquezas, roubar nosso petróleo, as áreas monazíticas e outros minérios. E como se isso não bastasse, ainda exigem do laço Getúlio os filhos da classe operária para ir morrer na Coreia em defesa dos bancos de Wall Street e do Esso.

Mas contra tudo isso lutaremos e ergueremos bem alto a bandeira da paz e da libertação nacional que sempre foi a bandeira de Stálin. Com Prestes e o Partido Comunista honraremos Stálin por tudo o que ele fez, continuando na luta por melhores salários, por melhores condições de vida, contra o domínio estrangeiro em nosso país, motivo principal da miséria do nosso povo. Nossos irmãos do Norte há vários anos vêm morrendo de fome, porque Getúlio, este governo de latifundiários, entregou a seus parceiros de trapação, adquire navios e aviões de guerra, enquanto o povo pede pão.

O povo vai conhecendo os seus inimigos e fará justiça na primeira oportunidade.

Viva o glorioso Partido de Lênin e Stálin, o PC da URSS!

Viva o povo soviético!

Viva a paz!

Viva o Partido Comunista do Brasil!

(a) Manoel da Silva, operário de Nova Friburgo.

Imortal é a Obra de Stálin

ESTÁ de luto a classe operária de todo mundo. Morreu o Camarada Stálin — guia e mestre do proletariado, campeão da PAZ.

A notícia correu como uma tempestade devastadora, transferindo para a Pátria do Socialismo todas as atenções dos homens de todos os quadrantes do mundo. Caiu, portanto, sobre o povo soviético uma grande desgraça; pois que, no momento em que conduzidos por aquelas mãos de aço, caminhando a passos firmes para o comunismo, libertando para sempre o homem da exploração pelo próprio homem e que mais precisavam dos seus ensinamentos, cessou para sempre de pulsar o coração do pai, amigo e irmão — Camarada Stálin.

Mas, sua obra continuará, porque, levando à prática suas lições, saberá, a classe operária aliada ao homem do campo, honrar o nome do seu mestre levando a cabo a tarefa a que se jogou desde seus dias de juventude — a conquista do comunismo.

Nos momentos mais difíceis deste século, em que estavam em jogo interesses do proletariado, ali aparecia a voz de Stálin com sua clarividência, conduzindo os acontecimentos. Assim foi, quando pairava sobre o mundo o perigo do fascismo, e as hordas hitleristas levavam de roldão toda a Europa com o seu poderio militar, ali estava Stálin conduzindo o exercito vermelho, jogando por terra a mística da invencibilidade de Hitler. Nos dias de hoje, quando os herdeiros de Hitler — os imperialistas norte-americanos — preparam uma nova guerra, mostrou o Camarada Stálin, a não inevitabilidade da guerra. Cabe aos povos a manutenção da PAZ, fazendo uma luta organizada, sem quartel contra os incendiários de guerra. Inspirado neste ensinamento do guia do proletariado, foi organizado o movimento mundial em defesa da PAZ; movimento que uniu

acima de pontos de vista políticos, religiosos ou filosóficos todos os homens honestos, como nos dias da guerra contra o nazismo.

Morreu o Camarada Stálin no momento em que seu povo se prepara para a passagem gradual do socialismo ao comunismo, não tendo, portanto, a felicidade de ver o ponto mais avançado daquilo que foi a menina dos seus olhos; mas o povo soviético consolidará a sociedade comunista na União Soviética.

Quando dorme seu derradeiro sono na Praça Vermelha, ao lado do grande Lênin, juramos como bem disse o Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil que o povo brasileiro jamais fará guerra à gloriosa União Soviética — Pátria de todos os trabalhadores do mundo inteiro, berço do comunismo.

Glória eterna ao Camarada Stálin, porque sua obra é imortal.

A. CANDIDO

STÁLIN

PARA quem leu os mais recentes trabalhos de Stálin, suas entrevistas sobre a paz, os trabalhos sobre linguística, os «Problemas Econômicos do Socialismo na URSS» e o discurso de encerramento do XIX Congresso do Partido Comunista da URSS — parece um pesadelo a notícia do falecimento do grande Stálin.

Sim. Um pesadelo. Exposições feitas com tal clarividência, como que marco que se projetará pelo futuro agora, parecem impossíveis às portas de um desenlace.

Parece que o temos vivo.

E vivo ficará.

Os seus ensinamentos frutificarão. Frutificarão porque há os Partidos Comunistas e dirigentes stalinistas como Malenkov, Mo Tse Tung, Togliatti, Thorez, Prestes e outros grandes chefes.

FERNANDO CORDEIRO 9-3-53.

LONGA VIDA A PALMIRO TOGLIATTI

A 27 de março Palmiro Togliatti completou 60 anos. Esse é um ato que enche de júbilo o coração dos democratas de todos os países pois, há décadas, o proletariado e o povo de todo o mundo se acostumaram em ver no grande chefe do Partido Comunista Italiano um de seus dirigentes mais destacados.

A vida de lutas de Togliatti começou muito cedo, quando, adolescente ainda, transferiu-se de Sardenha para Turim. Corria então o ano de 1911 e,

no colégio da província, o jovem Palmiro encontraria pela primeira vez um outro moço sardo. Era Antônio Gramsci, o primeiro marxista da Itália, o criador e dirigente do Partido Comunista Italiano, internacionalista indomável, que cairia mais tarde, sob o domínio de Mussolini, empunhando as gloriosas bandeiras do Partido e da Internacional.

Turim já era então a capital industrial da Itália, a cidade das grandes greves metalúrgicas, e coração revolu-

cionário da Península. E' aí, nesse centro, efervescente de vida proletária e de duros combates de classe que, ao lado de seu fraterno amigo Gramsci, Palmiro Togliatti dá os seus primeiros passos em prol das massas oprimidas.

Em 1913, o grupo de Gramsci e de Togliatti já era conhecido entre os estudantes como o grupo dos socialistas, e era frequente vê-los, mesmo em aula, na companhia de operários aos quais se tinham intimamente ligado. Nesse mes-

mo ano, estudante de Direito, Palmiro Togliatti colaborou com Antônio Gramsci na feitura de um jornalzinho político-satírico L'IDIOTA NAZIONALE dedicado a combater o patriotismo rasteiro divulgado no reacionário L'IDEA NAZIONALE. Entretanto, a sua atividade jornalística só vai tornar-se diária a partir de 1918, quando ingressa no AVANTI, de Turim. Em pouco tempo ele domina toda a técnica jornalística, desde o editorial até a simples notí-

cia, desde a direção geral até os problemas de oficinas.

Durante a primeira grande guerra o proletariado italiano começou a formar nas empresas as Comissões Internas de Fábricas, destinadas originalmente a representarem os empregados perante os patrões. Das comissões internas surgiram os Conselhos de Fábrica (movimento do tipo soviético) das massas que amadureciam para a luta pelo Poder. Gramsci era o chefe do movimento dos Conselhos de Fábrica e Togliatti seu colaborador infalível.

Em 1919, quando Gramsci funda L'ORDINE NUOVO, semanário que foi o órgão do movimento dos Conselhos de Fábrica, Togliatti colabora com ele desde o primeiro dia, ajudando-o na fundação do jornal. Mais tarde, quando em 1921 L'ORDINE NUOVO passa a diário, ele é seu redator-chefe.

Lênin declarou que dos gru-

pos existentes no Partido Comunista Italiano aquele cujas posições coincidem com as da Internacional eram as do grupo de L'ORDINE NUOVO. Com Gramsci, Togliatti enfrenta os centristas e os reformistas que infectavam o Partido Socialista, afastando-o das massas, e com ele prepara a cidade do Congresso de Livorno em 1922, do onde sai o Partido Comunista Italiano.

O primeiro comentário sobre a fundação do Partido Comunista, aparecido no L'ORDINE NUOVO foi feito por Palmiro Togliatti que assinava uma nova página na História da Itália.

Então, Togliatti, aos 27 anos, já é um dirigente do Partido que lhe entrega a direção de seu órgão central o COMUNISTA, aparecido no mesmo ano de sua fundação.

É nessa qualidade de di-

(Conclui na pág. 9)



Telegrama do Comitê Central do P.C. da URSS

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética enviou o seguinte telegrama de saudação a Palmiro Togliatti, por ocasião de seu 60.º aniversário natalício:

« O CC do PC da URSS envia ao combativo dirigente do esclarecido Partido Comunista Italiano saudações fraternais. Saucamos em vossa pessoa o notável líder do movimento comunista internacional, provado chefe do povo italiano na sua luta pela causa da paz, da independência nacional, pela causa da democracia e do socialismo. Desejamos ao querido camarada Togliatti, longos anos de vida e boa saúde para o bem dos operários e camponeses da Itália, para o bem de toda a humanidade progressista».

Saudação de PRESTES

Luiz Carlos Prestes enviou o seguinte telegrama de saudação pelo 60.º aniversário de Palmiro Togliatti:

«Saúdamos calorosamente o camarada Palmiro Togliatti, provado líder do Partido Comunista da Itália, por motivo de seu 60.º aniversário.

Os comunistas brasileiros, e com eles todo o nosso povo, acompanham com emoção e carinho a luta em que se empenham a classe operária e o povo da Itália pela paz, a democracia e a independência nacional, sob a firme direção do camarada Togliatti.

Desejamos de todo o coração ao querido camarada Togliatti longos anos de vida e de profícuo trabalho em benefício do povo italiano, em favor da grande causa de Lênin e Stálin, a causa do comunismo.

a.) LUIZ CARLOS PRESTES».

CRÔNICA INTERNACIONAL

As novas propostas coreano-chinesas

O MINISTRO das Relações Exteriores da República Popular da China pronunciou no dia 30 de janeiro um discurso radiofônico que está tendo a maior repercussão internacional. Enquanto os dirigentes norte-americanos tomam medidas práticas para ampliar o conflito coreano e ensaiam, com grande alarde, novas armas de destruição em massa das populações civis. Chu En-Lai, em nome da China e da República Popular da Coreia, apresenta a todos os povos propostas tendentes à terminação do conflito. Ao passo que os dirigentes norte-americanos tramavam novas operações militares, os governantes chineses e coreanos estudavam uma rova proposta de paz.

Como se sabe, quando não teve outros meios de sabotar as negociações de armistício, iniciadas na base de uma proposta de Malik, na ONU, o governo norte-americano forjou a chamada questão do repatriamento voluntário. Alegando que parte dos prisioneiros de guerra coreanos e chineses se recusavam a regressar a suas pátrias, os carneiros ianques romperam intencionalmente as negociações de paz, recrudesceram as operações militares e ampliaram com furor ainda mais criminoso, a guerra bacteriológica contra a China e a Coreia. Os americanos com isso, violavam, mais uma vez a

Convenção de Genebra que regula a troca de prisioneiros de guerra e que eles mesmos assinaram.

Mas na base das mentiras que inventaram procuravam desorientar a opinião pública mundial, e a norte-americana, especialmente. O lobo, enfiado na pele do cordeiro, procurava passar por bem intencionado. A imprensa dos trustes falsificando a verdade apresentava a questão dos prisioneiros como uma intransigência por parte dos negociadores sino-coreanos. Dêse modo, fazendo finca-pé numa questão que não era a principal, pois o fundamental sempre foi a suspensão do fogo, os norte-americanos cuidavam de ampliar o conflito. As medidas nesse sentido são públicas e notórias: constam da primeira mensagem de Eisenhower e estão em desenvolvimento com a recente viagem de Mark Clark à Indochina e o fornecimento de armas ao bando de Chiang Kai-Chek.

Por detrás de uma cortina de fumaça, os autores de guerra procuravam envolver os povos em uma rede de mentiras. Pois bem: o discurso de Chu En-Lai dissipa ain-

da mais a cortina de fumaça, torna ainda mais rota a rede de mentiras. E' como uma luada de ar puro sobre o ar viciado expelido por Washington.

Chu En-Lai propôs a imediata suspensão das hostilidades e o repatriamento de todos os prisioneiros de guerra, de ambos os lados, que insistiam em ser repatriados. Os restantes prisioneiros, nos termos da proposta, deverão ser entregues a uma potência neutra para que, livres de temores e sem coação de qualquer espécie, possam esperar a solução final de seu caso.

Os massacradores de povos sediados na Casa Branca e no Pentágono não podem, portanto, insistir no argumento desmoralizador de que não fazem a paz porque não vão entregar a um suposto castigo homens que estão sob sua «proteção». Esse argumento ruíu definitivamente.

Como ressalta a proposta sino-coreana, a nova posição assumida por Piong-iang e Pequim não revoga a defesa da Convenção de Genebra que regula a troca de prisioneiros, nem implica em aceitar as invenções dos massacradores de Koje. Mas, como

sempre, reconhecendo que o principal é fazer o armistício, afastam com dignidade o pretexto invocado pelos invasores norte-americanos para prosseguirem na guerra. Os prisioneiros não poderão também continuar a ser intimidados, pela simples razão de que serão transferidos a um Estado neutro.

A China e a República Democrática Popular da Coreia deram, portanto, mais um vigoroso passo ao encontro dos desejos de paz dos povos de todo o mundo. O poderoso campo da paz, que pode derrotar em qualquer terreno todas as loucas aventuras dos saqueadores de povos, demonstrou mais uma vez a sinceridade de seus propósitos.

Esta prova de amor à paz está alicerçada no imenso poderio dos países democráticos, na solidez política do campo da paz, e na grande amizade soviético-chinesa.

A proposta de Chu En-lai que será defendida por todas as pessoas simples do mundo, inclusive pelo homem comum dos Estados Unidos, é uma formidável derrota política dos incendiários de guerra norte-americanos, que só oferecem aos povos a bomba atômica, os micróbios pestíferos e escravização colonial.

Do campo da liberdade e da independência dos povos partiu mais uma vez a pomba da paz. E' preciso não deixar que ela seja abatida pelos ateadores da guerra.

"Pelo Sangue de Tiradentes, Abaixo o Acôrdo Militar"!

Num comício em Andradina, São Paulo, firmes erguiam a faixa: «Pelo sangue de Tiradentes, abaixo o Acôrdo Militar!» A bandeira de Tiradentes, a bandeira da honra e da independência da Pátria, é a que erguem os patriotas na luta contra o Acôrdo Militar. Entre as importantes resoluções adotadas na recente Convenção Nacional contra o monstruoso compromisso figura a que institui o «Mês de Tiradentes para as Grandes Jornadas pela Independência Nacional».

Menos de vinte dias são transcorridos desde o encerramento da Convenção e quinze já passaram dentro do «Mês de Tiradentes». Neste breve período, novas e significativas vitórias foram obtidas na luta contra o Acôrdo.

AMPLIA-SE A CAMPANHA

As fileiras dos patriotas que lutam organizadamente contra o Acôrdo Militar continuam a aderir expressivas personalidades. O ex-presidente Arthur Bernardes, procurado por uma comissão composta pelos generais Henrique Cunha Lavaquiel Biosa e coronéis Luiz de França Albuquerque e Sá e Benevides e dr. Marco Antonio Coelho, não somente reafirmou sua conhecida posição contrária ao Acôrdo como aceitou a presidência de honra da Comissão Nacional contra o Acôrdo Militar. Outros nomes de projeção no país vêm de ser incluídos entre os vice-presidentes da Comissão Nacional: generais Ferreira da Cunha e Castro Pinto, o almirante Belisário de Moura, o juiz Osni Duarte Pereira e o coronel Alfredo Simas Enéas.

ENERGICO PROTESTO DA JUVENTUDE PAULISTA

Em S. Paulo, numeroso grupo de jovens realizou energico protesto contra a criminosa campanha em favor do «voluntariado» para a Coréia que como se sabe, tem origem na Embaixada dos Estados Unidos da América e com o apoio do Catete, se destina a pressionar o Parlamento para arrancar a aprovação do Acôrdo Militar. Os intermediários dessa campanha são igualmente conhecidos: os cínicos vende-pátria Assis Chateaubriand e Carlos Lacerda. Postando-se diante dos «Diários Associados», à rua Sete de Abril, os rapazes e moças depredaram as vitrines da sede daqueles órgãos da imprensa guerreira e advertiram seriamente ao «gangster» Chateaubriand — dono desses jornais — de que não tolerarão o prosseguimento da imunda transação, pela qual se pretende vender aos banqueiros ianques o sangue de nossa juventude. Telegramas de protesto contra a ratificação do Acôrdo

foram dirigidos pelo presidente do Centro Acadêmico XI de Fevereiro, da Faculdade de Direito de Florianópolis, ao presidente da República, à Câmara dos Deputados e ao Senado, exprimindo o pensamento dos jovens universitários catarinenses.

NOVAS CÂMARAS MUNICIPAIS PAIS CONTRA O ACÔRDO

Associando-se aos pronunciamentos de numerosos legislativos municipais que em diferentes Estados já manifestaram sua repulsa ao Acôrdo Militar, novas Câmaras votam moções de condenação ao tratado «de pátrio para empregado». Tais são as de Arcoverde, em Pernambuco, Caciocica, no Espírito Santo e Petápolis em S. Paulo. Em Nova Iguaçu um abaixo-assinado contendo centenas de assinaturas é entregue à Câmara Municipal reclamando uma posição patriótica daquela Casa com relação à campanha contra o Acôrdo. Em Londrina no Paraná, destacadas personalidades locais dirigem vibrante manifesto concitando o povo à organização e a luta contra o Acôrdo Militar.

GRANDES MANIFESTAÇÕES EM TODO O PAIS

O «Mês de Tiradentes» será assinalado nacionalmente por um grande número de manifestações patrióticas contra o Acôrdo Militar. Ao lado das cartas, telegramas, mensagens abaixo-assinadas que continuarão a fluir em escala crescente aos senadores — aos quais cabe agora apreciar o Acôrdo — demonstrações de protesto mais elevadas estão programadas para os diversos Estados pela Comissão Nacional.

Em Minas no Estado do Rio Grande do Sul, em S. Paulo, nesta Capital já estão fixadas as datas de uma série de conferências, comícios. Entre essas manifestações, figura uma concentração do Senado, a 17 do corrente, na qual os patriotas farão sentir ao senadores sua detestação de derrotar o Acôrdo, não permitir que ele passe e jamais admitir sua execução.

Culminando essas manifestações de repúdio ao Acôrdo Militar, realiza-se em todo o país comícios e demonstrações públicas a 21 de abril — o dia de Tiradentes. Com essas manifestações, que deverão constituir inequívoca advertência aos que pretendem abdicar da soberania nacional em favor dos Estados Unidos e ganhar por dólares o sangue brasileiro, nosso povo dará um passo decisivo na luta contra o Acôrdo, fiel à determinação de que está possuindo.

«Não aceitamos o Acôrdo porque somos brasileiros!»



Aspecto do plenário numa das sessões da Convenção. Com a palavra, o prof. Antonio Rodrigues, líder sindical gaúcho

Depoimentos de delegados à Convenção Nacional:

Experiências e Episódios Na Luta Contra o Acôrdo Militar

Na luta contra o Acôrdo Militar, o nosso povo, tomado de profundo sentimento patriótico, revela seu inesgotável espírito criador, sua riqueza de iniciativas. Durante a recente Convenção Nacional contra o Acôrdo Militar, tivemos oportunidade de anotar, ouvindo diversos delegados, episódios ocorridos na luta contra o Acôrdo, assim como experiências que podem ser aproveitadas pelos patriotas empenhados na campanha. São uma demonstração viva da amplitude que já alcançou este movimento e das enormes possibilidades de vitória que apresenta, com a derrota completa do infame tratado de guerra e colonização.

A INDIGNAÇÃO DE UM VELHO REPUBLICANO

NA CIDADE mineira de Ponte Nova reside o sr. Luiz Brandão, um octogenário que participou de vários movimentos patrióticos. No início da República era aluno da Escola Militar e tomou parte na histórica revolta que ali se verificou quando quiseram mandar os cadetes para saciar sertanejos em Canudos. Foi por isso, deportado para o Amazonas, onde viveu durante muitos anos. Hoje, já aposentado, não perdeu o contato com o velho republicano. E ao ler o Acôrdo Militar, depois de procurado por um grupo de patriotas, compreendeu de logo que os ideais de toda a sua vida seriam reduzidos a nada com a aprovação do

Acôrdo, já que o Brasil perderia a preciosa condição de país independente, passando a ter um Estatuto colonial. Tomado de indignação dirigiu-se imediatamente aos elementos de maior destaque na cidade, colheu assinaturas para um telegrama dirigido ao ex-presidente Arthur Bernardes protestando contra o Acôrdo. Além de médicos, advogados e outras pessoas de expressão em Ponte Nova, firmaram o documento vereadores do PTB, da UDN, do PSD, a maioria dos membros da Câmara Municipal. O sr. Luiz Brandão, impossibilitado de comparecer à Convenção, manifestou-lhe contendo, sua plena solidariedade.

«PRA NÃO MANDAR TROPAS? EU ASSINO!»

A Sra. Adoración Vilar Sánchez, representante da Federação de Mulheres de S. Paulo na Convenção, fala das experiências das mulheres paulistas na luta contra o Acôrdo. Para coletar assinaturas de protesto são organizados pelas mulheres comandos domiciliares, método provado.

— Acontece que às vezes, diz a sra. Adoración Sánchez — algumas senhoras, quando perguntadas por nós se querem assinar, respondem que não. Nós argumentamos: se o Acôrdo for aprovado seu filho ou seu esposo poderá ir para a Coréia. Diante desse argumento rara é a que não volta atrás e assina, quando não nos ajuda a visitar e a convencer vizinhos e amigos a que assinem também. Dizem: «E para não mandar tropas? Eu assino!»

Temos tido êxito, ainda, com a campanha das telefonemas. Procuramos, na lista, de preferência, telefones que estejam em nome de senhoras. Discamos. Após ligeira explicação, perguntamos: «A sra. sabe o que é o Acôrdo?» Em geral se desenvolve uma conversa animada, que demonstra o interesse da pessoa procurada, e mesmo aquelas que aparentam indiferença nunca desligam o aparelho.

Outra experiência na campanha é a das cartas-correntes. Fazemos um pequeno texto explicando que o Acôrdo é para mandar tropas, para colocar o Brasil sob domínio dos americanos e, no fim, pedimos ao destinatário que tire três cópias e as envie a parentes ou amigos. Possuímos informações que comprovam o sucesso desta experiência.

ENTRE OS CAMPONESES DE CANÁPOLIS

OS CAMPONESES de Canápolis decidiram fazer uma grande divulgação do que é o Acôrdo. Pegaram um cavalo e, em vez de sela, puseram-lhe duas tabuletas nos costados do animal. Na primeira havia uma rápida explicação sobre o que é o Acôrdo. Na outra, a conclusão: o Acôrdo é para transformar os camponeses em soldados e en-

viá-los para a Coréia. Um grupo saiu puxando o cavalo de colônia em colônia, pelas diversas fazendas. E quando se cansou, os moradores daquela que haviam visitado por último resolveram continuar o desfile, tendo percorrido, afinal, todas as colônias da zona. Em cada ponto onde paravam travavam-se vivos debates e discussões, notando-se a indignação dos camponeses e sua disposição de não ir morrer na Coréia. . . .

COLETA DE ASSINATURAS EM UBERLÂNDIA

É intenso o tráfego de caminhões e automóveis no Triângulo Mineiro. Levando em conta este fato, grupos de patriotas — homens e mulheres — se colocavam nos locais de passagem obrigatória dos veículos e, ao aproximarem-se estes, faziam um cordão na estrada, tomando a passagem. Os caminhões paravam e então os patriotas explicavam as razões de seu gesto; é que estavam coletando assinaturas contra o Acôrdo Militar. Diziam o que significa o Acôrdo e em pouco tempo as listas eram assinadas pelos motoristas, passageiros e ajudantes. Grande parte das cinco mil assinaturas coletadas em Uberlândia se deve a essa iniciativa.

Em Uberaba, num paredão bem visível dentro da cidade foi colocado um grande painel, onde estava escrito em letras garrafais: QUE É ACÔRDO MILITAR? E em seguida: NÃO QUER IR PARA A COREIA? Então mande telegramas, cartas, mensagens, abaixo-assinados à Câmara Federal e ao Senado exigindo que não seja ratificado o Acôrdo.

A iniciativa dos patriotas de Uberaba alcançou grande repercussão e foi coroada de êxito.

NOS CLUBES VARZEANOS DE S. PAULO

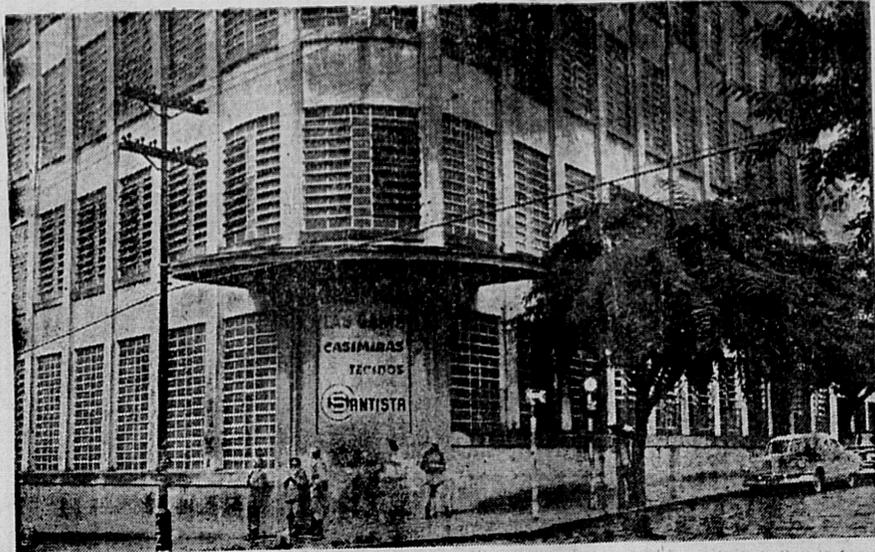
A SOCIEDADE organizada em clubes esportivos toma uma crescente participação na campanha, em S. Paulo. A Associação União das Vidas, da Vila Matilde, na capital paulista, não somente votou uma moção contra o Acôrdo como deliberou organizar uma comissão para lutar contra o infame tratado. Essa comissão distribui de porta em porta volantes explicando o que é o Acôrdo, coletando assinaturas, etc. O mesmo clube varzeano promoveu uma reunião em sua sede convidando o capitão Antonio José

Fernandes para realizar uma palestra sobre o Acôrdo Militar.

Em outro clube, a Associação Athletica de Vila Carrão, também na capital paulista, realizou-se uma reunião da diretoria com os associados, na qual todos se pronunciaram contra o Acôrdo Militar. Em meio à assembleia, um velhinho levantou-se e disse, emocionado, que apesar de a idade de excluí-lo das fileiras militares não ficava indiferente pois não queria que seus netos morressem na guerra



Jovens paulistas diante da sede dos «Diários Associados»



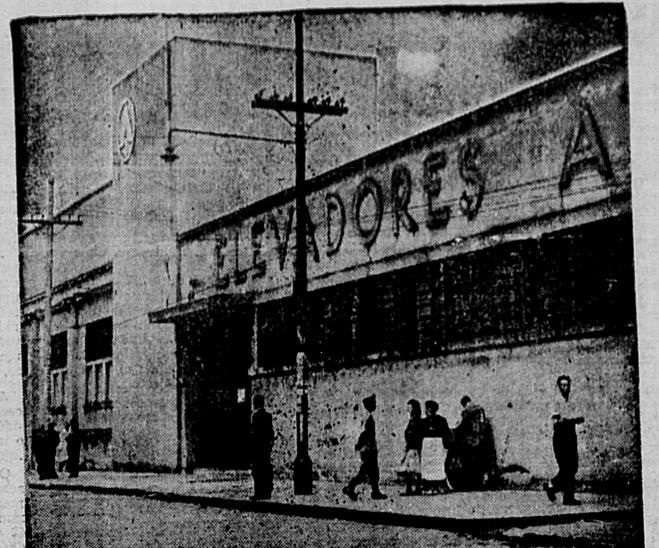
A grande fábrica de tecidos — «Laser Sons» foi uma das primeiras a se declarar em greve. Os milhares de operários desse estabelecimento continuam firmes como no início do movimento. No clichê, vemos-a guarnecida por soldados.



Fábrica parada. Cavaleiros e soldados em torno. Esse é o aspecto comum nas fábricas da capital paulista.



No clichê, uma fábrica parada em que se vêem policiais.



A fábrica de elevadores «Atlas» é uma das numerosas metalúrgicas que ficaram completamente paralisadas. No clichê, aparece essa fábrica com suas portas fechadas.

ABAIXO O REGIME DAS PANELAS VAZIAS

Reportagem sôbre a grandiosa e heróica greve de São Paulo

Por STÊNIO DE CARVALHO

25 de março: As grandiosas assembleias sindicais de têxteis e metalúrgicos decretam a greve. Nesse momento já estavam em greve 20 mil operários de nove grandes fábricas de tecidos.

26 de março: 110 mil trabalhadores em greve.

27 de março: 120 mil grevistas.

29 de março: 140 mil grevistas. Declaram-se em greve os marceneiros e, no dia seguinte a «Celosul», fábrica de papel com cerca de mil operários.

31 de março: 175 mil grevistas. Novas fábricas continuam a cerrar suas portas. A greve cresce de momento em momento com a adesão de novos ramos industriais. Hoje estão em greve mais de 200 mil operários.

O que acontece? É a classe operária que ocupa o seu lugar à frente do povo paulista na luta contra a carestia e a fome.

me. O proletariado de S. Paulo exige aumento de salários, combate nas ruas e nas praças, nas fábricas e nos sindicatos contra a política de fome e guerra.

São Paulo dá o exemplo de como se luta contra a carestia, contra o regime da panela vazia.

NOS SINDICATOS, A TRIBUNA DO POVO

O brado de combate que parte das assembleias sindicais — assembleias até de 10 mil operários, fortaleza proletária que comanda a luta — contagia toda a população.

Em torno da classe operária unida marcharam 200 mil pessoas pelas ruas de S. Paulo no dia 18 de março. O terror policial e as patas da cavalaria de Getúlio e Garcez fundiram a decisão de vencer com ódio e indignação na jornada de 31 de março.

Nos sindicatos está a tribuna das famílias paulistanas: Conheço uma família, exclama um marceneiro, que está comendo milho cozido por não poder comprar arroz nem feijão.

Os preços subiram de modo jamais visto: o arroz passou de 8 cruzeiros para 18; o feijão, de 7 para 17; a banha de 18 para 30; o café de 35 para 89 cruzeiros. Os salários não foram aumentados.

E o arroz de Garcez a 8,000. A denúncia do povo está na boca dos operários: — Nem as galinhas o aceitam. E' quierera. Só presta para fazer grude. O arroz bom vai para os americanos. Ai está. E' só procurar — o americano aparece logo como beneficiário em tudo que prejudica os brasileiros.

Nas ruas e nos bondes, é um assunto, só uma determinação há nas conversas de homens e mulheres:

— Esta greve é nossa, contra a carestia, é contra a fome e a exploração. Ninguém suporta mais esta situação.

AS VELHAS SEDES JÁ SÃO PEQUENAS DEMAIS

No calor do combate, a classe operária põe todas as suas forças em tensão. O natural espírito de organização do proletariado industrial encontra o clima para se manifestar em todos os terrenos. A portentosa greve de São Paulo é de uma ligação viva e vibrante de organização e unidade.

Novos e novos contingentes operários reforçam os Sindicatos retomados ao Ministério do Trabalho, emancipados da tutela de Getúlio, que é a mordida policial. Uma vida nova surge. Acabou-se o tempo dos sindicatinhos mirrados, vazios, ceifados do calor da massa. Agora as velhas sedes, pequenas e acanhadas já não servem mais.

Na cidade lá dos têxteis, tira não tem vez. Só resta aos policiais rondar, impotentes, do lado de fora. Dois deles que conseguiram penetrar no recinto, ficam postos escada abaixo a tranços e pescoços. O mesmo fazem marceneiros e metalúrgicos.

As fábricas vão parando uma a uma. A eferescência no interior das fábricas vai num crescendo. A luta desencadeada desperta o desejo de lutar, no coração dos trabalhadores. A greve já é coisa decidida. Eles já têm Comissões eleitas, já debateram as reivindicações, estão em ordem de marcha. Eles esperam o piquete porque sabem que este não tarda. De repente espurca um foguete, ouvem-se pancadas no portão. E' o sinal. A massa operária sai da fábrica, leva a polícia de roldão.

«Viva a greve! Abaixo a carestia!»



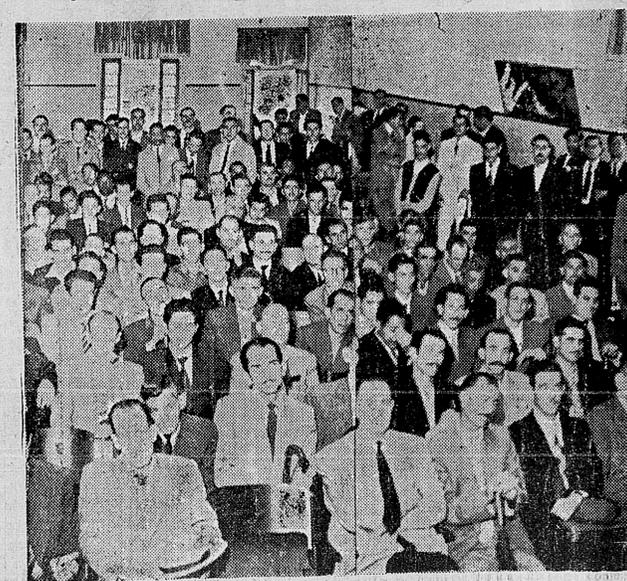
Metalúrgicos em greve fazem o sinal de vitória no Salão das Classes Laboriosas. «Vital Vitória! Vitória!» — são as expressões que denotam o espírito de luta e combatividade desses heróicos trabalhadores.



A formidável passeata contra a carestia foi uma demonstração de força gigantesca da classe operária e de todo o povo paulista. No clichê um aspecto dessa manifestação em que se vêem operários espunhando faixas contra a carestia.



Grandiosa assembleia dos têxteis realizada no Clube Piratininga vendo-se de pé, o líder tecelão Chamorro. Em destaque, 2 jovens tecelãs fazem suas relações no próprio quartel general da greve para não perderem tempo na luta que travam.



Esta grande assembleia dos marceneiros realizada no Salão do Minas Gerais F. C., no Largo da Concórdia, decretou a greve desse setor operário que conta com 20 mil trabalhadores. Ao lado, Maria Sales, e líder tecelã, dirigem-se aos marceneiros nesse importante assembleia.

JANIO EM PETROPOLIS AVISTA-SE COM VARGAS

«Não nos interessam movimentos grevistas que estão sendo provocados pelo comunismo e que não podem ser detidos por autoridades que se comprometeram até ontem na revolução.»

JANIO, DOENTE PARA OS GREVISTAS; SÃO, PARA CONFABULAR COM GETÚLIO.

OS HERÓICOS PIQUETES

Os piquetes saem de madrugada, alegres e animados como para uma festa-festa de confraternização com os operários nas portas das fábricas, com o povo nas ruas.

Na cidade lá dos têxteis, tira não tem vez. Só resta aos policiais rondar, impotentes, do lado de fora. Dois deles que conseguiram penetrar no recinto, ficam postos escada abaixo a tranços e pescoços. O mesmo fazem marceneiros e metalúrgicos.

Os líderes que surgem nesta luta grandiosa não se deixam ficar nas assembleias. Eles marcham com os piquetes. Muitas vezes a tribuna desses intérpretes e porta-vozes da classe operária é o muro da fábrica de onde «nclamam seus irmãos à luta».

Eis o feito honroso da jovem operária da «Varam». Aurora Marin: à testa dum pequeno piquete, às 5 da manhã, as portões da Fábrica Estela, a combativa tecelã mobiliza os 500 operários da fábrica, os quais, no mesmo momento se incorporaram à greve e destacaram numerosos contingente para acompanhá-la.

ENTERRO MORAL E POLITICO DOS PELEGOS

Os apodécados pelegos empoleirados nas federações e confederações ministerialistas alardeiam a sua «paz social» de Getúlio e dos tubarões lançam boatos e fazem «apelos» para a cessação da greve. Mas esta luta imponente é o enterro moral e político dos pelegos.

Quem é Sanches Duran? Responde Remo Forli, presidente do Sindicato dos metalúrgicos: «Roubou 400 mil cruzeiros do Sindicato, foi expulso e não pode falar em nosso nome.»

Quem é Holanda Cavalcanti? Responde Luciano Ramalho Vieira, da Comissão Central dos metalúrgicos: «Roubou oitenta milhões de Fundo Sindical; há vinte anos vive com um nababo à custa dos trabalhadores.»

O deputado Roberto Morena exclama ante a assembleia dos marceneiros no grande salão da Praça João Mendes, 132: «Por que esses traidores que

luta contra a carestia — ber- ra um tira.

— Mas, não é Garcez? — pergunta um popular irônico. — Getúlio manda, Garcez manda, tudo é igual rosna o policial entre dois empurrões.

A PASSEATA DAS PANELAS VAZIAS

Convocada pelos grevistas, foi marcada para o dia 31 de março às 15 horas, uma grande concentração popular na Praça da Sé, de onde devia partir a «passeata das panelas vazias» rumo ao palácio dos Campos Eliseos.

Getúlio proibiu LUTAR CONTRA A CARESTIA

Em torno do proletariado em luta congrega-se todo o povo. A unidade de ação dos operários controla e impulsiona a união de todo o povo contra a fome e a miséria.

No dia 28 terminou o prazo dado a Garcez para responder ao memorial contra a carestia que lhe foi entregue por 200 mil paulistanos. Grande assembleia popular reúne-se na sede do Sindicato dos Bancários para receber a resposta apesar da proibição da polícia.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

Mas, em vão. A massa popular aumenta em vez de diminuir. Estrondosas vaias desmoralizam e confundem os beleguins. Há presos e feridos. Mas, o povo luta, derruba as cavalariatas de suas montanhas. Na luta contra a carestia o povo paulista travou dura luta de rua que se prolongou por sete horas ininterruptas.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

GREVISTAS FOI CRIVADA DE BAIXAS INVADIDA POR CHOQUES ARMADOS.

Nas cidades e fazendas da Alta Sorocabana, em São Paulo está sendo distribuído o seguinte:

MANIFESTO AO POVO

O Comitê da Zona da Alta Sorocabana do Partido Comunista do Brasil protesta contra o assassinato do patriota e líder camponês José Honorato de Lemos, e responsabiliza o governo de Getúlio e Garcez e os grandes fazendeiros pelo COVARDE E ESTUPIDO CRIME.

A polícia do governo de Getúlio e Garcez praticou aquilo que os grandes fazendeiros de Presidente Prudente premeditaram e estimularam. Eles dizem que não há fome na Alta Sorocabana e o que precisa é polícia e chicote para os lavradores que lutam contra a fome. E' esta a «ajuda» que o governo de Getúlio e Garcez dá aos lavradores famintos. Em vez de comida e financiamento, MANDA MATAR. Foi isso que fez o assassino, o bandido soldado Maruel Bezerra Pereira em Amelópolis, Município de Presidente Prudente, no dia 22 de Fevereiro. MATOU TRAIÇOEIRAMENTE O CAMPO-NESE JOSÉ HONORATO DE LEMOS.

Tombou heroicamente José Honorato de Lemos na luta contra a fome e a exploração dos seus irmãos camponeses, na luta contra o TRATADO DE ESCRAVIZAÇÃO NACIONAL DA DEMOCRACIA POPULAR.

Honra ao Mártir dos camponeses e do povo da Alta Sorocabana, José Honorato de Lemos. A bandeira pela qual tombou continua bem alta nas mãos dos operários, dos camponeses, dos patriotas e democratas, na luta pela INDEPENDÊNCIA NACIONAL, pela derrubada desse governo de fome, carestia, guerra e traição nacional e sua substituição por um governo democrático e popular que dará para o povo PAZ, PÃO, TERRA E LIBERDADE.

Em homenagem de nosso respeito e admiração, de nossa saudade e gratidão ao camarada José Honorato de Lemos convidamos os lavradores e o povo a ingressar no seu Partido, o Partido Comunista do Brasil, PARTIDO DA PAZ E DA LIBERTAÇÃO NACIONAL.

JURAMOS-TE, JOSÉ HONORATO DE LEMOS, VINGAR O SANGUE QUE DERRAMASTE, CONTINUANDO A LUTA PELA CAUSA POR QUE TOMBASTE!

A MEMÓRIA DO CAMARADA JOSÉ HONORATO DE LEMOS SERÁ A BANDEIRA DE LUTA DOS CAMPO-NESES PELA POSSE DA TERRA!

JOSÉ HONORATO DE LEMOS CLAMA POR VINGANÇA! O POVO É INVENCÍVEL E IMORTAL! O POVO SABERÁ VINGAR! O POVO VENCERÁ!

GLÓRIA ETERNA AO HERÓI JOSÉ HONORATO DE LEMOS! Fevereiro de 1953»

Unem-se para novas lutas os operários latino-americanos

DURANTE uma semana, estiveram reunidos em Santiago do Chile, os delegados do IX Congresso dos Trabalhadores da América Latina. Os imperialistas americanos, que tudo tem feito para destruir a CTAL e submeter o movimento sindical latino-americano a seu domínio, promoveram toda sorte de medidas policiais e provocações para impedir a realização do conclave.

No entanto, nunca um congresso foi tão amplo e representativo das massas trabalhadoras da América Latina como o que acaba de se encerrar em Santiago, onde tantas e tão vastas forças foram para a luta comum em prol da população trabalhadora do continente. Basta dizer que a delegação argentina representou de fato a todas as organizações sindicais daquele país, o mesmo acontecendo com os chilenos, porta-vozes autorizados da central sindical única recentemente constituída no Chile. Quanto ao Brasil, fez-se representar amplamente: 28 elementos saídos dos mais importantes setores profissionais e oriundos dos mais importantes centros de concentração operária do país. Por outro lado, mesmo países submetidos às mais tirânicas ditaduras — como Peru, Venezuela e Cuba — souberam encontrar meios de enviar seus representantes ao conclave.

Durante seus trabalhos, o Congresso recebeu a visita de numerosas delegações operárias, principalmente trabalhadores das minas de cobre que os trustes ianques possuem no Chile. Esses operários descreveram toda a tragédia da classe operária latino-americana, submetida à mais feroz exploração pelos patrões ianques e seus socios e lacaios nativos. Ante este quadro de miséria e atraso, o IV Congresso soube traduzir o nível a que já atingiram as lutas dos trabalhadores do nosso continente, apontando claramente o inimigo mortal da população trabalhadora, o inimigo a quem nos incumbe enfrentar e derrotar: o imperialismo ianque.

Não obstante a variedade de pontos de vista entre os delegados, o Congresso reafirmou solenemente o espírito internacional da nossa classe operária, prestando sentida homenagem ao grande Stálin. Também protestou energicamente contra o atentado fascista à C. G. T. francesa e solidarizou-se com a grande greve iniciada pelos textéis e metalúrgicos em São Paulo.

A reunião, encerrada com um vibrante comício de massas, constituiu, sem dúvida alguma, um novo e decisivo passo na luta pelos direitos e novas conquistas de milhões de explorados em nossos países.

DEMOCRACIA POPULAR

— semanário de atualidade política —
— CIRCULA ÀS TERÇAS-FEIRAS —

STALINGRADO É UM SÍMBOLO

ZULEIKA ALAMBERT

Há pouco a humanidade progressista comemorou o 10.º aniversário da vitória de Stalingrado.

Tais comemorações foram o reflexo do agradecimento sincero dos povos à cidade sobre o Volga, onde um povo heróico, sob a direção do P.C da URSS e de seu imortal dirigente o camarada Stálin, marcou o início da reviravolta decisiva no curso da segunda guerra mundial e selou a sorte das hordas hitleristas.

Os povos do mundo jamais poderão esquecer a epopéia de Stalingrado!

No inverno de 1942, Hitler colocara todo o peso de suas forças no front oriental. 179 divisões alemãs e 61 dos satélites lutavam furiosamente, destruindo cidades e escravizando povos.

Em julho de 1942 foi lançada a grande ofensiva do inimigo. Seu principal objetivo era tomar Moscou de assalto. Romper a frente das tropas soviéticas e alcançar o Volga; cortar as comunicações entre a Rússia Central e o Cáucaso; avançar ao longo do Volga, isolar do Volga e dos Urais a capital e, de modo, derrotar as principais forças do Exército Soviético. Tal tivesse sucedido, e iniciar-se-ia uma negra página na história da humanidade.

Mas Stálin, o grande chefe, velava como um pai pela vida de cada cidadão, de cada homem simples do mundo. Preparava o genial plano estratégico que levaria à derrota as aguerridas tropas de Hitler, registrando a vitória que seria a maior a ser assinalada na história das guerras em todo o mundo.

Quando em setembro o inimigo chegou às portas de Stalingrado, Stálin deu aos seus soldados e ao heróico povo da cidade-fortaleza, uma ordem significativa: «Os nazistas não deverão beber das águas do Volga.»

Era o apelo ardente do grande chefe à resistência até o último homem.

Foi como se uma força invisível sacudisse a cidade de ponta a ponta.

Homens, mulheres e crianças ergueram-se como um só homem, confiantes na direção do grande Stálin e certos de que eram imensas suas responsabilidades. Nada menos que salvar a Moscou das garras inimigas e assim defender a capital dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo.

A batalha prolongou-se por 6 meses; violenta e cheia de lances dramáticos. O Volga tingiu-se de vermelho e as terras que rodeiam Mamaev Curgat (o ponto mais

alto de Stalingrado) foram testemunhas das maiores façanhas praticadas pelos valerosos soldados soviéticos.

Ainda hoje a terra está queimada, sulcada por fundas trincheiras separadas umas das outras pela insignificância de 1 metro. Ao redor, nada. Nem uma árvore, nem uma pedra, nem um muro. Apenas a terra lisa, crestada.

A luta era travada corpo a corpo, sempre que um soldado soviético pulava para o interior de uma trincheira inimiga.

O mundo em suspense acompanhou os acontecimentos que se desenvolveram nos últimos meses de 42 o princípio de 43 na cidade heróica.

Mas, os povos conflavam.

Em Stalingrado duas forças se detrontavam. De um lado o nazismo brutal, desumano, covarde e animal. De outro, as forças do socialismo evidenciando com toda a clareza a imensa superioridade do sistema social e estatal soviético, o valor, a abnegação, o heroísmo, o patrimônio do povo soviético e de suas forças armadas, a superioridade da estratégia militar de Stálin.

Os povos sabiam que a vitória seria do socialismo, a vitória seria do povo soviético.

A 19 de novembro desencadeou-se a ofensiva geral dos Exércitos Soviéticos.

As tropas de Hitler esmagadas abandonaram Stalingrado. A 22 de novembro as tropas soviéticas vindas do norte e do sul fizeram junção.

Os soldados de Stálin ao som dos acordeons dançaram nas ruas transformadas em imensas ruínas. Comemoravam o envolvimento de 22 divisões inimigas num total de 330.000 soldados e oficiais.

Nem o belicoso marechal Von Paulus conseguiu salvar-se. A 1.º de fevereiro ele próprio se entregava ao comando soviético.

Graças ao heroísmo de um povo e à sábia direção do Partido Comunista da URSS e de seu chefe amado, o genial Stálin, Stalingrado fora libertado e com ela abria-se o caminho para a libertação de outros povos das garras do fascismo.

Desde então Stalingrado transformou-se num símbolo para todos os povos. De todos os recantos da terra foram enviadas mensagens, presentes, flâmulas

e bandeiras comemorativas da grande vitória. 10 anos se passaram.

Hoje, pouco resta da cidade destruída. Uma cidade nova, uma cidade linda, nasce das feridas brutais da última guerra.

Palácios de cultura, teatros, escolas e hospitais brotam como que por encanto das ruínas imensas a que ficou reduzida durante a invasão nazista.

Arquitetos de todas as regiões da URSS vieram para as ruínas de Stalingrado a fim de ajudar a sua reconstrução.

Todo o povo vive e trabalha para a reconstrução da cidade. Voluntários chegam diariamente de toda a URSS. Cada cidadão soviético deseja colaborar para reerguer a cidade dos homens soviéticos, uma cidade da era comunista.

Mais do que nunca Stalingrado é um símbolo.

Sua glória é imortal. Seu nome ilumina o coração agradecido de toda a humanidade. Serve de advertência aos imperialistas norte-

americanos que, esquecidos da derrota de Hitler que rem repetir agora, a mesma trágica aventura que mergulhou por tanto tempo a humanidade num mar de sangue, lágrimas e sofrimento.

Ontem, inspirados em seus exemplos, os povos de todo o mundo encontraram forças para rebentar as algemas que lhes impusera Hitler.

Hoje, a cidade heróica da URSS dá animo, inspira coragem e firmeza ao coração de todos os homens que querem a paz para viver, construir, e criar seus filhos.

Stalingrado, a cidade que leva o nome daquele que foi o artífice de sua vitória, reconstruída, esguese-se mais bela do que nunca. E assim é, para nós hoje não apenas o símbolo da resistência dos povos contra as forças de agressão. É também para os povos e para os trabalhadores de todo o mundo o símbolo do poderio da URSS, o símbolo da invencibilidade das forças do socialismo na luta contra as forças do capitalismo em decomposição.

7 DIAS NO BRASIL

25 — Festa do povo: comemorado em todo o país o 31.º aniversário do Partido Comunista do Brasil.
— Vítima do inquérito fascista contra militares patriotas, morre o sargento Antonio Macedo, nas mãos de seus carrascos em Juiz de Fora. Alegação oficial: «colapso cardíaco».

26 — Inicia-se a greve geral dos textéis e metalúrgicos em São Paulo.

— Getúlio nomeia o brigadeiro Eduardo Gomes presidente da «Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos», cargo em que, segundo um jornal do governo, será o «executor do acordo militar Brasil-EE.UU.».

— Pronuncia-se o deputado Nestor Duarte pela legalidade do P.C.B.

— Dois mil flagelados entram em Recife, postando-se em frente ao Palácio do Governo a exigir comida e trabalho.

27 — Descoberta outra jazida de tório e urânio em Minas, próximo a Belo Horizonte.

— Comunica o sr. Oton Mader ao Senado que os ferroviários da Rede Viação Paraná-Santa Catarina, em grande assembléia, decidiram entrar em greve a partir do dia 10 de abril, caso não recebam o «abono de emergência» a que têm direito por lei.

28 — Ciro Cardoso, ministro de Guerra de Getúlio, declara, nos Estados Unidos, que os sistemas de treinamento do Exército brasileiro «se baseiam, ao máximo, nos métodos das forças armadas norte-americanas». Já é ser laçao!

— Os norte-americanos do Rio, em assembléia, quando lhes prometerem terminar a greve em curso em troca da palavra de Getúlio como garantia de solução, respondem em coro: NÃO!

29 — Na localidade de Maravilha, em Alagoas, mil flagelados, acossados pela fome, devoram um boi morto de doação. Enxam os flagelados os gêneros retidos pela Lei de Armação de Assistência.

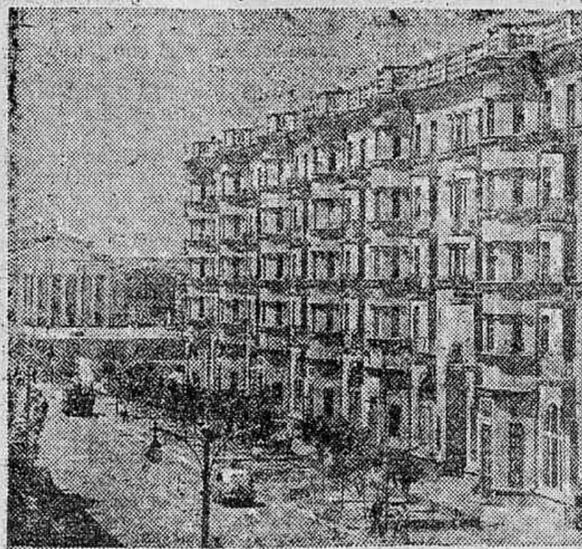
30 — Mostrando-se mais uma vez como inimigo jurado da liberdade sindical, Getúlio — através de Scaudá — decreta a intervenção no Sindicato dos Alfaiates do Rio, sob o pretexto de que os associados homenagearam o grande Stálin. Os fascistas enunciam de histerismo ao ouvir falar no nome de Stálin.

— No Senado o «acórdão militar». Está em mãos do senador Comar de Oliveira, relator da Comissão de Justiça. A ele, pois, os nossos protestos!

— Duzentos flagelados amanharam às portas da Prefeitura de Juiz de Fora, no Ceará. O prefeito não teve outro remédio que distribuir comida.

31 — Realizada em todo o país a «Jornada de Protesto» dos médicos. No Rio, em São Paulo, na Bahia, no Ceará, no Estado do Rio e vários outros Estados, cerca de 15.000 médicos cruzaram os braços em sinal de protesto contra o descaso do governo pela situação difícil em que se encontram.

— Vigorosa manifestação contra a carestia e os baixos salários em São Paulo. A polícia atacou milhares de trabalhadores grevistas tentando impedir a «parada da panela vazia».



Das ruínas deixadas pela guerra surgem os belos edifícios de Stalingrado. No clichê, um aspecto da rua da Paz nessa heróica cidade, símbolo da vontade de paz do povo soviético

Pecas-Mestras da Política do Partido

PAULO RODRIGUES



Maurício Thorez, o grande dirigente do Partido Comunista Francês, o chefe da Resistência contra a ocupação nazista, que foi desencadeada na base de seu histórico apelo, está de volta à França. Há dois anos passados, vítima de grave enfermidade, Thorez foi tratar-se na URSS, o país da medicina mais adiantada do mundo. Os democratas de todo o mundo saudam alegremente o regresso de Thorez para conduzir a luta de seu povo pela paz, a independência nacional e o socialismo.

Fevereiro último assinou a passagem do primeiro aniversário de dois documentos de grande força orientadora: o informe do camarada Prestes, «A luta pela Paz, Nossa Tarefa Central e Decisiva», e o informe do camarada Arruda, «Reforçar a Vigilância Revolucionária, Tarefa Vital do Partido». Todos os lutadores de vanguarda recordam com alegria o lançamento desses dois informes cujos ensinamentos tanto reforçaram e reforçam o Partido, tanto impulsionaram e continuam a impulsionar nossa luta pela paz e pela independência nacional.

O Informe de Fevereiro, como passou a ser conhecido o documento do camarada Prestes, foi recebido com justo entusiasmo por todos nós. Generalizando a experiência de vários anos de pertinaz luta em defesa da paz mundial, o camarada Prestes nos deu uma compreensão particularmente clara dos problemas da luta pela paz em nossa terra, criticou com firmeza as incompreensões e deformações de natureza sectária em nosso trabalho e desse modo, criou condições para um novo e vigoroso impulso e ampliação da luta da classe operária e do povo brasileiro contra os incendiários de guerra e seus laços nacionais, Vargas à frente.

A posição de princípio em face do problema da guerra, a condenação das guerras imperialistas de agressão e o apoio caloroso às guerras de libertação dos povos sempre caracterizaram a política de nosso Partido. Seu próprio nascimento está ligado ao protesto indignado dos proletários contra a monstruosa intervenção das 14 nações contra a jovem Rússia Soviética. Embora sempre tenhamos lutado pela paz somente em 1949 as modificações havidas na situação internacional e o

desenvolvimento do novo surto expansionista e guerreiro do imperialismo americano obrigaram-nos a colocar a luta pela paz no centro de todas as nossas tarefas.

Mas foi o Informe de Fevereiro que lançou luz intensa sobre a ligação indissolúvel da luta pela paz com a luta pela libertação nacional. Prestes mostrou que assim como o nazismo, em sua época, foi a mais séria ameaça à independência dos povos e o obstáculo que se erguia no caminho da história, e sua liquidação permitiu um grande avanço nas lutas dos povos e de nosso povo, hoje a guerra que os imperialistas americanos preparam é a mais ameaça à liberdade e à independência dos povos, o obstáculo que se coloca no caminho da história.

E a conclusão decorre com lógica irrefragável: «A significação, portanto, que a luta pela libertação nacional nos fazemos hoje com a bandeira da luta pela paz. Este o fato novo que se torna necessário compreender com perfeita clareza para que possamos aplicar com firmeza e justa linha política de nosso Partido no momento que atravessamos.»

Esta compreensão verdadeiramente nova da luta pela paz como o fator que garante o êxito de nossos objetivos estratégicos elevou nossa compreensão da tática atual de nosso Partido e, portanto, sua realização na prática.

Hoje, um ano decorrido, ao pensarmos em ações de massa tão sérias quanto as do Rio Grande, a greve dos têxteis no Nordeste, a greve dos tecelões cariocas, no atual movimento contra a carestia e por aumento de salários da classe operária e do povo paulistanos não podemos deixar de admirar mais ainda o cama-

rada Prestes, de ver quanto era justa sua afirmação de que, armados com aquela compreensão da luta pela paz, poderíamos levar nosso povo a novas posições, a vigorosas ações de massas.

O informe do camarada Arruda apresentado à mesma reunião do Comitê Nacional, está intimamente ligado ao informe de Prestes. Esse documento consolidou poderosamente a força motriz da luta entre as forças da paz e as forças da guerra, num instante em que os imperialistas norte-americanos e europeus esperavam poder deflagrar a terceira guerra mundial e quando, por isso mesmo, mais imprescindível era a solidez e a unidade de ação do Partido, foi que o valioso Crispim tirou a sua missão com a tão pretensão de beneficiar-se da angústia da luta para minar a força e a vitalidade do Partido de Prestes. Mas a montanha não se abala com o silvar da serpente, o Partido se reforça depurando-se dos oportunistas, traidores e toda a seccria de inimigos dos trabalhadores.

Já naquela época, o renegado Crispim procurava atirar sobre a direção nacional de nosso Partido a lama da podridão em que refocila.

Com absoluta certeza o camarada Arruda desmascarou essas infâmias:

«Sim, camaradas, nada disto é por acaso! É a luta do que querem dividir o Partido, minar a unidade de suas fileiras, enfraquecer sua ação política. É a luta dos inimigos do proletariado contra a fortaleza do proletariado. Caluniando o Partido e defendendo uma plataforma contra revolucionária, dirigindo um grupo fracionista contra o Partido, Crispim se coloca na posição de

um agente do imperialismo americano, perfila-se entre os traidores da classe operária, passa para o campo da reação, do imperialismo e da guerra.»

Como eram verdadeiras essas palavras! Hoje em dia esse descarado policial fala num cemitério em São Paulo, seguido por seus colegas da polícia política, enquanto os verdadeiros dirigentes comunistas que ele continua a caluniar são perseguidos e obrigados a viver na clandestinidade.

Sem dúvida alguma a direção de nosso Partido cabe a grande mérito de ter localizado o perigo e tratado de eliminá-lo antes que ele pudesse causar qualquer dano à brilhante demonstração de elevada vigilância política.

Desmascarando a falsa posição de renegado, o camarada Arruda, portanto, desenvolveu seu informe, os princípios de organização do Partido, elevando-os a um nível nunca antes atingido entre nós. Todo seu informe está impregnado da idéia de que os princípios de organização do Partido existem para servir ao povo, não se podendo permitir que seja inútil para prejudicar ao Partido.

As questões ali tratadas como a disciplina igual para todos, a da vigilância política, a da elevação do nível político, ideológico e orgânico, a da crítica e auto-crítica, a do controle das tarefas e da seleção dos quadros, a questão da democracia interna e as células como fundamento do trabalho do Partido, todas essas questões merecem ser reestudadas e repensadas por todos nós. Principalmente quando a morte do grande Stálin nos trouxe o domo de honra de, mais do que nunca, colocar o reforçamento do Partido no centro de nossas preocupações e tarefas.

Nos 4 Cantos do Mundo

DEFENDE-SE A GUATEMALA

O Congresso da Guatemala pediu ao governo que cancele a «Ordem de Quetzal», outrora concedida ao gringo Sprulle Braden, agente provocador dos trustes, e que voltou a pregar abertamente a intervenção americana no país. O Congresso votou também uma resolução no sentido de que sejam «rechaçadas todas as ameaças e provocações estrangeiras contra a soberania do país» e pelou pra solidariedade das demais repúblicas latino-americanas. O partido governamental «Ação Revolucionária» solicitou igualmente ao Presidente Arbenz que retire a Guatemala da Organização dos Estados Centro-Americanos, um instrumento do imperialismo americano.

Logo depois desses sucessos, como «por coincidência», estorou uma «quartelada» no Departamento de Baja Vera-paz, debelada pelas forças governamentais.

CHIANG KAI-CHEK AGRESSOR

A Birmânia apresentou à ONU uma queixa contra o governo ítere de Chiang-Kai-Chek, acusando-o de intruzir e manter em território birmanês tropas de soldados mercenários. Posteriormente, a «Mesa» da Assembléia Geral da ONU, deliberou aceitar a queixa contra Chiang-Kai-Chek de «agressão» e incluí-la na ordem do dia da Assembléia.

INTERCAMBIO ARGENTINO-SOVIÉTICO

A caminho de Moscou uma missão comercial argentina, que deverá concluir as negociações de um acordo comercial soviético-argentino. Em Moscou, o embaixador argentino Bravo malteceu a boa vontade da União Soviética para um intercâmbio cuja importância havia sido ressaltada pelo próprio Stálin, segundo declarou Bravo foi um dos últimos estrangeiros a se entrevistar com Stálin, fez o seguinte comentário: «Tive ocasião de conhecer muitos estadistas e chefes de Estado estrangeiros e, de todos, Stálin foi o que me causou melhor impressão, do ponto de vista da simplicidade e da acessibilidade. Ele fazia todos se sentirem como em sua própria casa.»

TRAPAÇA IANQUE

Após quatro dias de debates ininterruptos, o presidente do Senado italiano, recorrendo a um golpe anti-regimental, considerou aprovada a nova «lei eleitoral» italiana, denominada a «lei da trapaça», que permite somar os votos de todos os partidos reacionários, anulando o princípio da representação proporcional, já que o conjunto que tiver mais de 50% dos votos ganhará automaticamente 64% de todas as cadeiras. O povo italiano promoveu imediatamente vigorosos protestos contra essa lei de encomenda, considerada pelos partidos populares como um atentado à Constituição. Em todo o país, não obstante a violenta repressão policial-militar, os operários entraram em greve e o povo saiu às ruas para protestar contra o esbulho.

AS PORTAS DA MORTE APELAM

Num último recurso, Julius e Ethel Rosenberg, condenados injustamente à cadeira elétrica, apelaram para a Corte Suprema dos Estados Unidos, em vista da negativa do carrasco Eisenhower em conceder clemência ao casal. O último do fascismo e da histeria guerreira que lavram no covil dos trustes.

LONGA VIDA A PALMIRO Togliatti

(Conclusão da pág. 4)

rigente que ajuda a construir o Partido, a enraizá-lo nas massas, a travar a luta contra os oportunistas de direita e de esquerda. E isso era feito nas duras condições da repressão da burguesia que aderiu ao fascismo negro de Mussolini que iniciava o regime de terror em toda a Itália.

O nome de Ercoli, como era conhecido revolucionariamente Togliatti cresce ainda mais com a prisão de Gramsci. Mussolini não pôde destruir o P. C. I. que durante todo o período de ilegalidade realizou trabalho de massas e aproximou suas ligações com o proletariado e os camponeses. Togliatti é o grande construtor desses êxitos.

Na Internacional Comunista, da qual foi um dos dirigentes, Togliatti formou ao lado do Partido Bolchevique, ao lado de Stálin e de Dimitroff.

Como dirigente da I. C., como membro do estado-maior do proletariado, coube a Togliatti ajudar a formulação de diretivas justas para o movimento operário de todos os países do mundo. Coube-lhe, inclusive, o mérito de ser um dos propugnadores da política de frente popular anti-fascista que, aplicada ao Brasil, gerou o grande e imorredouro movimento da Aliança Nacional Libertadora.

Depois da guerra, volta à sua Pátria querida para dirigir pessoalmente a luta do povo italiano pela emancipação nacional, pelo esmagamento

definitivo do nazismo e pelo socialismo.

É o Partido Comunista Italiano, sob sua esclarecida direção e seu pulso de velho bolchevique surge como o mais forte partido da Itália, como uma das principais pilastras da revolução em todo o mundo. As massas italianas aclamam o filho querido, o digno sucessor de Gramsci, o stalinista provado.

É os reacionários italianos que não podiam encarcerá-lo e liquidá-lo com maus-tratos como haviam feito a Gramsci, armaram então a mão sicária que o baleou à saída do Parlamento.

Poucas vezes se terá visto no mundo uma vaga de protestos como a que varreu a Itália naqueles dias sombrios. De Norte a Sul, nas granas concentrações urbanas e nas explorações rurais, operários, camponeses, intelectuais, funcionários, donas de casas, homens de todas as camadas e de todos os meios sociais explodiam em cólera contra os mandantes do crime, o governo vendido e os imperialistas americanos. As greves e as manifestações explodiram em toda a Itália. Stálin, demonstrando o alto apreço que sempre lhe mereceu Togliatti telegrafou ao P. C. Italiano, censurando-o pela pouca segurança que dera ao seu líder.

Para o bem da classe operária, Togliatti escapou com vida. E, esse, homem exemplar, para o qual se voltaram naqueles momentos as atenções de todo o mundo, demonstrou mais uma vez sua simplicidade, sua estreita ligação com as massas, ao perguntar, quando pronunciou as princí-

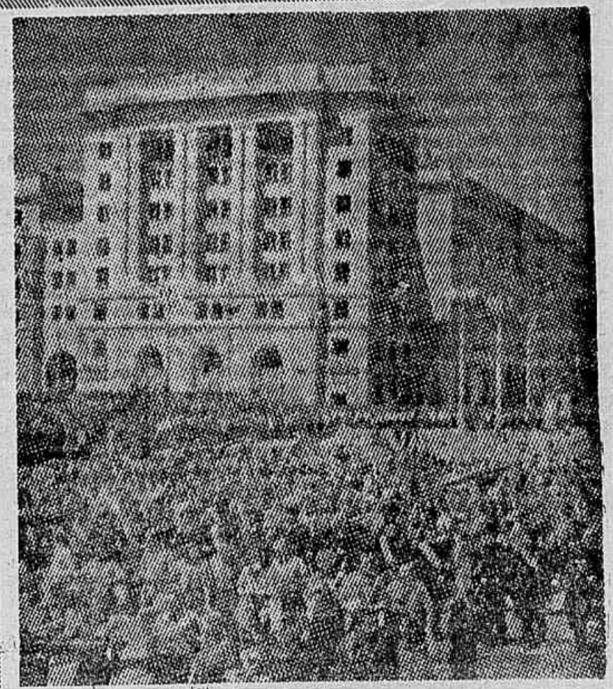
ras palavras, se o ciclista italiano ainda estava na frente no campeonato europeu.

No Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e Operários onde deu seu grande informe sobre a unidade da classe operária, à frente do Partido Comunista Italiano, Togliatti prosseguiu sua trajetória de grande dirigente da classe operária.

Humanista notável, estilista dos melhores da língua italiana orador simples e profundo,

Palmiro Togliatti emprega com maestria toda sua cultura e sua notável capacidade de debate em benefício da causa do povo italiano, do qual é o filho mais ilustre.

Por isso mesmo os reacionários de todo o mundo o odeiam. Mas os povos de todo o mundo, que vêem nele um grande exemplo de dirigente proletário, festejam corinhosamente seu sesagésimo aniversário e lhe desejam, ardentemente, longa vida e novas vitórias.



Varsóvia é hoje uma cidade irreconhecível para quem contemplou as ruínas da velha capital, após a última guerra. No clichê, um dos novos e majestosos bairros da capital polonesa, vendo-se um desfile de crianças.

NÃO HÁ DISFARCE POSSÍVEL PARA OS GENERAIS DA PESTE

Desmascarados os bandidos da guerra bacteriológica ante os depoimentos do Cel. Schwable e do Major Bley



O coronel Frank E. Schwable, chefe do Estado Maior do Primeiro Regimento Aéreo do corpo de infantaria da marinha norte-americana

HA DIAS, o delegado norte-americano ao Comitê Político da Assembleia da ONU, Ernest Gross, negou mais uma vez, e da maneira mais cinica, que os EE. UU. dessa cadela guerra bacteriológica na Coréia e na China. O ano passado, Ridgway, o general peste viu-se obrigado, em Roma, a jurar de pés juntos que os lanques não empregam a disseminação de microbios como arma de guerra.

Tais desmentidos têm em si, naturalmente, aplacar a revolta dos povos contra a monstruosidade que significa a guerra de germens e tirar a responsabilidade pelo crime das costas dos governantes dos EE. UU. Entretanto, as juras falsas dos dirigentes lanques não duram nem 24 horas ante a verdade dos fatos. As tropas dos EE. UU. continuam a praticar a guerra bacteriológica, como nos revelam os últimos ataques, a exemplo do que se deu no dia 2 de março último, quando aviões lanques atiraram duas bombas sobre Wonsan, contendo moscas, aranhas, pulgas e outros insetos portadores de diversos germens.

CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTOS

Quanto à veracidade da guerra de microbios, já foi há muito comprovada de maneira definitiva, não so-

mente por autoridades, cientistas e populares da Coréia e da China, mas também por personalidades idôneas que visitaram aqueles países. No ano passado uma Comissão Internacional de Juristas — na qual se incluía um delegado do Brasil e — uma Comissão Científica Internacional — cujo relatório, assinado por homens de ciência de renome incontestável, inclusive o prof. Samuel Barnesley Pessoa — investigaram nos próprios locais em que foram lançadas as bombas, comprovando perfeitamente os repetidos ataques bacteriológicos realizados pela aviação norte-americana.

Tais atos, aliás, estão perfeitamente de acordo com as declarações feitas por autoridades norte-americanas à imprensa, repetidamente, sobre a necessidade da «guerra de germens» e sobre a febril atividade neste sentido observada nos EE. UU., com o funcionamento de laboratórios de pesquisa e «fabricação» de microbios altamente virulentos, como o Campo Detrick, no Estado de Maryland e outras grandes «fabricas de moléstia» no Mississipi, no Utah, em Indiana e no Canadá, para citar apenas aquelas cuja existência e funcionamento são admitidos pelo próprio governo dos Estados Unidos. Isto porque, ainda em meados do ano passado o jornal conservador «Newspay», de Long Island, denunciava a construção de uma nova «fábrica de moléstia» na vizinha Ilha de Plum, próximo a Nova York, o que provocou numerosos protestos, inclusive dos dirigentes do

Partido Republicano na região em que está localizada a Ilha.

CONFESSAM OS PRÓPRIOS AGENTES DO CRIME

Mas, como se já não bastassem os milhares de fatos inegáveis que atestam esse tipo de atividade monstruosa por parte das «bestas feras» do imperialismo, aí estão, esmagadores, os depoimentos já divulgados dos próprios oficiais lanques aprisionados, como os dos aviadores tenentes Enoch, Quinn, O'Neal, Kniss e outros, escritos do próprio punho, com abundância de detalhes e indícios precisos. E, por último, os depoimentos agora divulgados, de oficiais superiores, o cel. Frank Schwable, que era chefe do Estado Maior da Primeira Brigada de Aviação do Corpo de Infantaria da Marinha dos Estados Unidos, e o major Roy Bley, oficial do serviço de abastecimento militar e técnico do primeiro regimento aéreo do Corpo de Infantaria da Marinha.

IMPRESSONANTE TESTEMUNHO DE UM OFICIAL SUPERIOR

O testemunho de Schwable é realmente impressionante. Ele explica os próprios objetivos da mon-

trouza guerra bacteriológica, seus métodos de ação, suas fases e as medidas adotadas para impedir — sem esperança — que o mundo viesse a conhecer a verdade. Nessas revelações, que incluem também reuniões com generais nas altas esferas, verifica-se a preocupação do comando americano de impedir, em primeiro lugar que seus próprios soldados, que o próprio povo americano viesse a saber dos ataques bacteriológicos. Os depoimentos de Schwable e Bley não somente confirmam um mundo de fatos já denunciados pelos sino-coreanos mas, além disso, retratam a fisionomia moral e política dos que não recuam para levar avante seu plano de escravização dos povos.

A amarga e revoltante verdade é que os bandidos americanos, a despeito das denúncias de seus crimes e dos protestos dos povos, prosseguem em sua monstruosa guerra bacteriológica. E não somente insistem nesse caminho criminoso, como procuram ampliar o aparelhamento para essa espécie de «guerra». Como foi confessado pelo cel. Schwable, passaram do «bombardeio» microbiano indiscriminado a título de experiência, para a guerra bacteriológica planejada. Por outro lado, fazem todos os esforços possíveis para esconder seus atos de degenerados, no que fracassaram, porém.

PODEM SER DETIDOS OS MONSTROS DA PESTE

Mas é verdade, também, que os povos poderão deter esses inimigos jurados da humanidade que, com sua desumana guerra microbiana não somente atentam de maneira mais vil contra as populações da Coréia e da China, como ameaçam a segurança de todos os povos, já que as epidemias podem atravessar quaisquer fronteiras.

Quanto a nosso povo, só lhe resta, como já fizeram milhares de brasileiros, jun-

tar a sua voz de todos os homens honrados e exigir não apenas a proibição da guerra bacteriológica e a punição de seus promotores e agentes, mas a terminação mesma dessa guerra, a cessação imediata do fogo na Coréia. E contribuiremos seguramente para esse fim se, de outra parte, impedirmos a remessa de tropas brasileiras para alimentar a carnificina na Ásia, derrotando o odioso «Acordo Militar Brasil-Estados Unidos», ora no Senado, cujo objetivo é justamente fortalecer as posições dos generais da peste a custa do sangue e da liberdade de nossa gente.



Desenho publicado pela revista norte-americana Masses & Mainstreams, a respeito da guerra bacteriológica



O major Roy H. Bley, oficial do serviço de abastecimento militar e técnico do Primeiro Regimento Aéreo do Corpo de Infantaria da Marinha dos EE. UU.



ASSIMILAR SUAS IDÉIAS CENTRAIS



1 A morte do camarada Stálin representa uma perda imensa, que aumenta de muito nossas responsabilidades. O desaparecimento de Stálin exige maiores esforços para fortalecer o Partido, unir e organizar a classe operária, despertar as massas camponesas, pôr em movimento todo o profundo sentimento de paz de nosso povo.

2 Devemos compreender e explicar às massas o que Stálin representou para a humanidade. Stálin foi o maior gênio da história, o homem que mais fez pelo bem da humanidade. Junto com Lênin, Stálin forjou o Partido revolucionário do proletariado e dirigiu a vitoriosa Revolução Socialista de Outubro. Cumprindo os legados de Lênin, Stálin construiu o socialismo na URSS, e indicou os caminhos e as medidas práticas para passar ao comunismo. Graças a Stálin os povos foram salvos da escravidão fascista e forjaram o poderoso movimento pela paz que vem impedindo a deflagração de uma 3ª guerra mundial.

Stálin preservou a pureza e desenvolveu genialmente a doutrina de Marx, Engels e Lênin. Seus últimos trabalhos traçam os rumos do desenvolvimento da humanidade por longo período.

Para os povos oprimidos pelo imperialismo, Stálin é, particularmente, aquele que lhes ensinou a lutar pela independência nacional, pela igualdade efetiva e amizade fraternal entre as nações, e a vencer nessa luta.

Por isso o nome de Stálin permanecerá sempre vivo no coração do povo brasileiro e de toda a humanidade progressista.

3 Diante da morte de Stálin os incendiários de guerra não poupam esforços para lançar a confusão e avançar no sentido do desencadeamento de uma nova guerra. Em nosso país igualmente cresce a ameaça de guerra. O governo de Vargas, a serviço dos latifundiários e grandes capitalistas que desejam a guerra, continua realizando uma política de guerra e desencadeia a reação contra o povo, para cumprir as ordens de seus patrões imperialistas. Precisamos ser mais vigilantes e elevar bem alto a bandeira da paz, cerrar fileiras em torno da União Soviética.

4 Nosso povo é muito mais poderoso que o bando sinistro do governo. União para a vitória: esta a melhor homenagem a Stálin. Com seu nome nos lábios reafirmemos nossa vontade de paz, exijamos a não ratificação do infame «Acórdão Militar», defendamos o petróleo, exijamos medidas práticas contra a carestia e socorro às vítimas da seca. Intensifiquemos a luta pela independência nacional e por um governo democrático-popular.

5 Para realizar estas tarefas é indispensável reforçar o Partido, quantitativa e qualitativamente. O RECRUTAMENTO STALIN permitirá ganhar para o Partido os melhores combatentes da classe operária, os melhores filhos do povo. Esse recrutamento deve ser feito, principalmente, nas grandes empresas. Façamos de cada fábrica uma cidadela do Partido, pois Stálin ensinava que a tática dos bolcheviques é a tática das grandes empresas.

6 Com o objetivo de levar às massas o nome de Stálin, o Partido inicia uma campanha de coleta de centenas de milhares de assinaturas em homenagem à memória de Stálin. Elas serão reunidas em livro e expressarão o amor de nosso povo por Stálin e sua solidariedade aos povos da União Soviética.

7 Tarefa fundamental, neste momento, consiste em difundir o mais amplamente entre as massas a palavra de ordem lançada pelo nosso Partido em 1946 — «O povo brasileiro jamais fará guerra à União Soviética».

8 Para reforçar o Partido precisamos elevar seu nível político e ideológico. Neste sentido, mais que nunca precisamos aprender com Stálin, assimilar suas idéias para lutar melhor por elas. Por isso é obrigatório para todos os militantes o estudo da biografia de Stálin. Devemos também intensificar o estudo da «História do Partido Bolchevique» e dos volumes já publicados das «Obras» de Stálin.



IMPRIMIR

★ A «Carta Aberta» do Comitê Nacional é o principal instrumento de trabalho dos comunistas para o RECRUTAMENTO STALIN e para a campanha de assinaturas em homenagem à memória de Stálin.

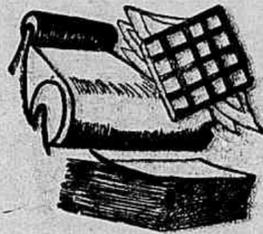
★ Por isto, em toda parte, são tomadas medidas imediatas e urgentes para providenciar exemplares da «Carta Aberta» em GRANDES QUANTIDADES.

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES:

1 Cuidados especiais devem ser tomados quanto à apresentação dos exemplares impressos. Deve-se evitar a impressão da «Carta Aberta» em grande folhas de papel numa só face. A apresentação tipo folheto (papel dobrado, com a impressão em quatro faces) é mais agradável e facilita a leitura, é melhor para guardar no bolso, etc.

2 Cuidem-se os corpos miúdos de impressão, pois dificultam a leitura. Embora gastando um pouco mais de papel é mais conveniente escolher um corpo maior. Cuidem-se de conseguir uma impressão nítida e limpa.

3 Onde houver recursos pode-se imprimir cópias da «Carta Aberta» na forma de folhetos com 8 ou 12 páginas, fartamente ilustrados com clichês sobre a vida de Stálin. Desta forma pode-



se conseguir materiais que serão disputados e queridos pela massa, ao mesmo tempo que se utiliza a imagem para dar a conhecer às massas alguns aspectos da vida do grande Stálin.

4 A «Carta Aberta» pode ser reproduzida em mimeógrafos e recos. Também neste caso é melhor utilizar a forma de folheto (para isto datilografa-se o stencil deitado, deixando boa margem no centro). É bom utilizar desenhos e letras desenhadas nos títulos e nas primeiras letras dos parágrafos.

Que as reproduções da «Carta Aberta» honrem a memória de Stálin!



DISTRIBUIR

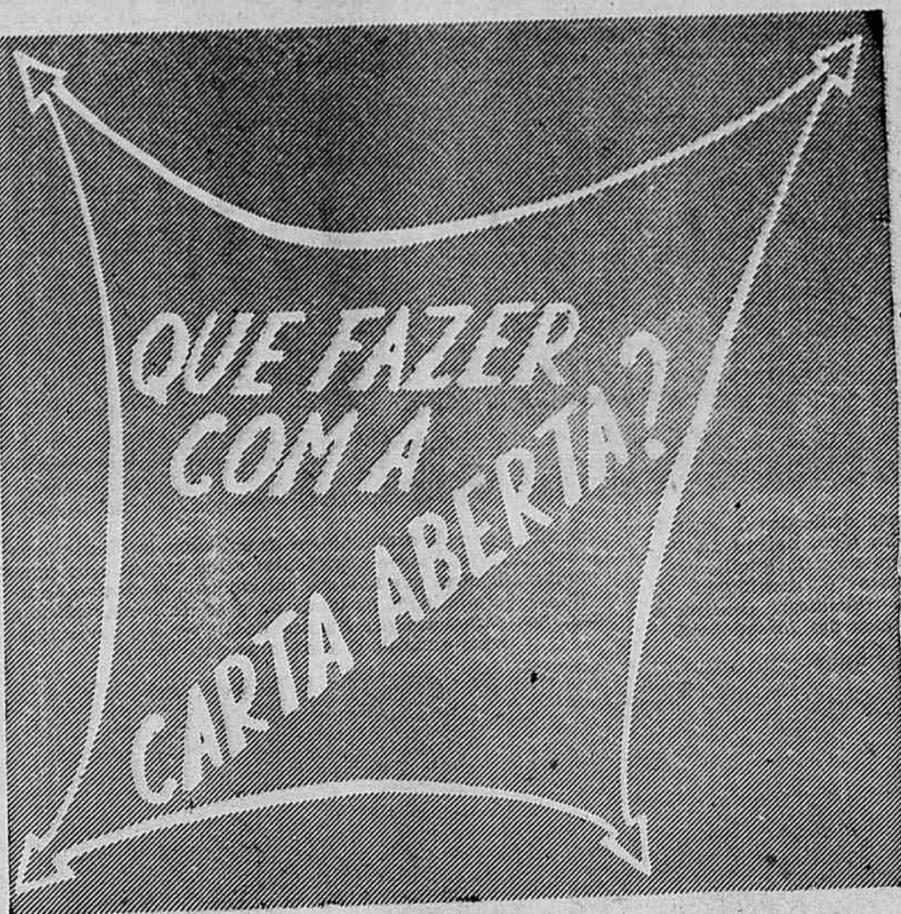


— A «Carta Aberta» é para ser distribuída em massa entre os trabalhadores e toda a população das cidades e do campo.

Nenhuma usina, nenhuma fazenda, nenhum núcleo de flagelados ou retirantes da seca pode ficar sem receber a «Carta Aberta». Nenhum meio pode ser desprezado, nenhuma dificuldade pode impedir que a «Carta Aberta» seja difundida nos pontos de concentração.

DE CASA EM CASA — os comunistas, os amigos do Partido, numerosos elementos combativos das massas que sentem seu coração conflagrado pela morte de Stálin, se mobilizarão para distribuir a «Carta Aberta» de porta em porta.

OS COMANDOS — de coleta de assinaturas em homenagem à memória de Stálin distribuirão em massa exemplares da «Carta Aberta» como um instrumento de trabalho, como um documento para debater com as massas e a elas explicar a grandeza de Stálin.



DEBATER

— Não basta distribuir a «Carta Aberta» em massa. Os agitadores tratarão de debatê-la por toda parte com os operários e todos os seus irmãos proletários.

No centro desse debate deve estar sempre a questão da necessidade do Partido revolucionário da classe operária, único partido capaz de levar até o fim a luta pelos interesses dos trabalhadores e do povo. Esse ensinamento, que é o maior legado deixado por Stálin, precisa ser transmitido e explicado aos trabalhadores, chamando-os a ingressar nas fileiras do P. C. B.

Agravam-se os perigos de guerra e o infame «Acórdão Militar» aumenta a ameaça que pesa sobre o povo brasileiro, agrava-se a carestia e se acelera a piora das condições de vida das massas. Trata-se então de explicar aos que lutam pelo pão, por aumento de salários, que só a mudança de regime dará, em definitivo, a vitória aos trabalhadores e ao povo.

Por isto, os agitadores convencerão seus irmãos trabalhadores de que não há maior honra para um operário do que pertencer às fileiras do Partido revolucionário de sua classe.

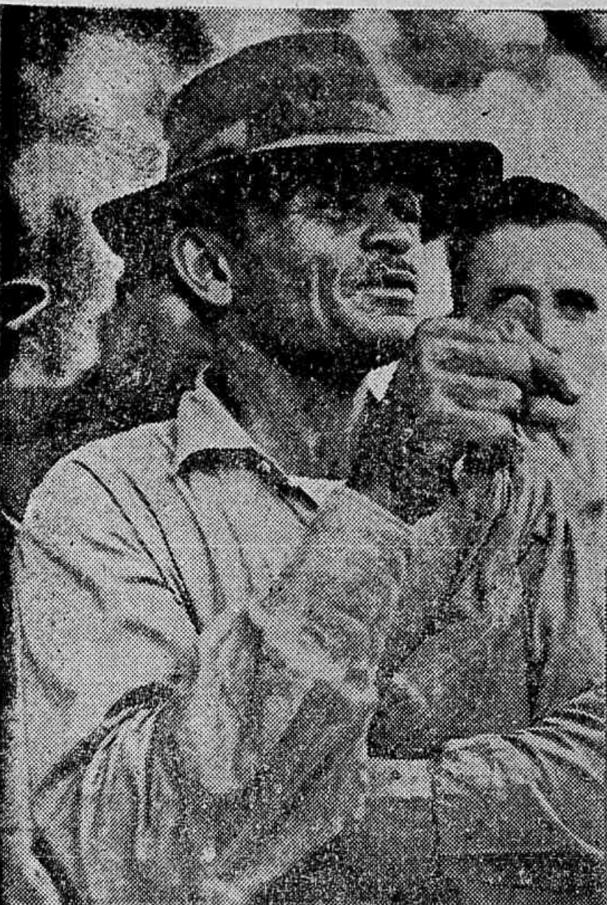
Até Água Para Beber O Governo Vende no Nordeste

João, um nordestino cuja língua "corta até prego"...
 ☆ Vendidos quase todos os donativos enviados para os flagelados ☆ A quem pertence os açudes que o governo constroi? ☆ Também no sêco nordeste há terras férteis e incultas ☆ Reportagem de Josué ALMEIDA ☆



Francisco Batista de Paula, 50 anos dedicados à agricultura, acaba de chegar tangido pela seca. Deixou na Paraíba a mulher e cinco filhos pequenos. Do auxílio para os flagelados só uma quarta parte é distribuída. O resto é dado como pagamento de trabalhos: construção de estradas e de açudes nas terras dos fazendeiros.

Quando o pau-de-arara varava as estradas de Minas, seus olhos não viam outro espetáculo: «Que terras boas para plantar... E dizer que não são cultivadas!» O mesmo acontece na Paraíba onde as terras da zona da mata, férteis e incultas, pertencem aos Ribeiro Coutinho, aos Fernandes, num escárnio à miséria da população



«Desde 1948 que não cai uma gota de chuva. Tenho uma menina de 4 anos que não sabe o que é verdura... Sai de S. Domingos de Cabaceiras para não morrer de fome e poder dar pão à minha família... Aquela terra, quando chove é uma beleza; mas em tempo de seca é um desastre. Milho, feijão, batata, desde 48 que não posso colher»



«Quando uma pessoa adoce? Só se tiver a proteção dos prefeitos para poder ser mandada para uma casa de saúde em Campina Grande ou Caruaru... Do contrário, ou é forte e resiste à moléstia ou morre sem remédios. Venho com a esperança de trabalhar em qualquer trabalho e mandar buscar minha família. Lá não se pode viver assim»

DE MALAS na mão, e esperança no rosto, chega uma nova leva de fugitivos da seca. Apesar das roupas amarrotadas e amarelecidas pelo pó da estrada, quem os vir não supetará da exaustiva viagem: nove dias acima de um caminhão ou sacudido num banco de pau das aquelas «sopas» sem conforto que trafegam ligando as cidades do Nordeste. Sempre há muitos nordestinos no Caminho de S. Cristovão. Ou acabam de chegar, ou vão partindo de volta, desiludidos, ou ali estão à espera de emprego. O sofrimento os identifica e, embora nunca se tenham visto antes, tratam-se como velhos e afeiçoados amigos.

— Como vão as coisas lá pelo nosso norte, contrâreneo? Choveu.

— Homem chuva mesmo eu não vi. Mas quando estava com uns três dias de viagem ouvi dizer que tinha dado uma chuvinha lá prás bandas de Campina...

Entre os que chegam está Francisco Batista de Paula. Tem uma pequena propriedade em S. Domingos de Cabaceiras, mas não se aguentou com a seca. E veio embora, deixou tudo, para não morrer de fome. Não pensa em voltar. Sua preocupação é mandar buscar a família.

O DRAMA DA SEDE

Em torno dos recém-chegados formam-se rodas. Numa delas, um sertanejo vivo como um raio, João, prende as atenções gerais. Fugindo da seca e principalmente dos ricos — «os ricos são a perdição do Norte», diz ele — correu todo o Brasil. Trabalhou nos seringais do Amazonas, «no meio de bichos e de doenças, onde o cabelo da gente crescia até o pescoço» e de lá traz amarguras lembranças. Conhece perseguições, sabe das injustiças e das mil e uma formas de exploração postas em prática pelos latifundiários do Nordeste. Entre risos dos que escutam, diz:

Quando eu quero falar, minha língua corta até prego...

Puxam por ele: «E água lá em Esperança, João?»...

— Água? Depois do povo muito reclamar o governo mandou um carro-tanque, daqueles ali — e apontou para uns caminhões de gasolina — com capacidade para dois mil litros. O carro-tanque se abastece no açude de Brejo de Areia, perto de Campina Grande e de lá vai para Esperança, a uns 30 quilômetros. O encarregado da distribuição da água é o fiscal geral do Município, Manoel Luiz, chefe político do governo. A primeira água, já sabe, é para ele. Depois a do padre, do Juiz, do prefeito e dos cachorros da delegacia de polícia. Antes de sair essa água, nem Jesus descendo do céu consegue uma lata... Depois, então, vêm os eleitores de Manoel Luiz e do governo. E a água que sobra, então, é vendida a 500 réis a lata para as famílias. Quem não quiser que bote uma lata na cabeça e se lasque para o açude. Sai de madrugada e não volta antes de 10 horas do dia. O homem que fizer isso está liquidado para o trabalho o resto do dia.

ONDE ESTÃO OS AÇUDES?

Alguém interrompe o relato de João e lhe pergunta se sabe alguma coisa sobre os gêneros remetidos do sul para os flagelados:

— Pra dizer a verdade, desta campanha de agora não sei não, porque sai de lá faz mais de dois meses. Mas, do ano passado tem uns 200 sacos de feijão apodrecendo na venda de Zé Pedro, em Esperança e também no depósito das Obras

Contra as Secas em Campina Grande.

Após essa explicação, ele retoma e fio de sua exposição:

— Tem os açudes, como o do dr. Pedro Tavares, em Alagoa de Cima. Conseguiu dinheiro com o governo e represou o rio. O rio corre numa garganta e as águas represadas foram refluindo e inundando aquelas propriedades rio acima. Um dia, Pedro Tavares, decidiu vou cercar toda área ocupada pelo açude. E estendeu arame farpado em torno do açude, prejudicando mais de cem agricultores. Estes não se renderam ao ganancioso fazendeiro e resolveram resistir. Cortaram todo o arame. Pedro Tavares mandou estender nova cerca e mais uma vez ela foi posta abaixo. Dr. Pedro Tavares então mandou chamar um dos agricultores prejudicado, e que chefiara os outros, e lhe disse: «Vou mandar cercar o açude e botar polícia para garantir, que a justiça e o governo estão do meu lado». O agricultor respondeu: «Dr. Pedro, as terras são nossas e se o sr. botar arame a gente corta. Se aparecer polícia a gente vai trocar bala por estes pés de serra...» «Dr. Pedro Tavares, achou melhor ir para a Justiça e faz mais de 10 anos que a questão rola. Lá pelo chão tem uns pedaços de arames comido de ferrugem...

Um outro açude está sendo construído em Peravio, município de S. João de Cariri, em terras das famílias Souto Corêia e Fernandes. Diz o governo que esse açude é para o povo... Não sei o que foi que deu no governo, porque até aqui o que o povo tem recebido é borra-chada e cadeia...

Acoçados pela miséria e pela seca, os nordestinos vêm com crescente clareza a origem de seu sofrimento. Compreendem que não é apenas a falta de chuva.

— Nas terras do Ribeiro chuva não falta... — observa um jovem de olhos claros, antigo motorista em Guarabira. Outro completa: «É, mas quem quiser que tire um pé de pau. Aparecem logo dez capangas armados até os dentes. Ai só tinha um jeito: era uns 300 ou 400 se estabelecerem nessas terras, em vez de irem para as cidades. Ai ficava que nem o açude de Pedro Tavares: ele ia para a justiça e os agricultores iam ficando na terra trabalhando para matar fome e produzir alimentos...»

realização da industrialização socialista, a luta pela vitória do socialismo na URSS. Depois do Congresso, em princípios de 1926, após o trabalho de Stálin em torno dos problemas do leninismo, nesse trabalho histórico, Stálin esmagou ideologicamente a linha liquidacionista e capitulacionista dos zinovistas e fundametalistas liquidacionista e capitulacionista do Partido, orientada para a industrialização socialista do país e para a edificação da sociedade socialista. Intuindo ao Partido e à classe operária, uma fé inquebrantável na vitória da edificação socialista.

Dirigido por Stálin, o Partido bolchevique, depois de haver acumulado forças e meios e derrotado os capitulacionistas e os célicos, conduziu o país para uma nova etapa histórica, para a etapa da industrialização socialista.

Nesta luta contra os célicos, os capitulacionistas, contra os trotskistas e os zinovistas, os bukarinistas e kamenevistas, cristalizou-se definitivamente depois que Lênin ficou fora do combate, o núcleo dirigente do nosso Partido, núcleo formado por Stálin, Molotov, Kárlin, Vorochilov, Kubišev, Frunze, Dzerzhinski, Kaganovitch, Ordzhonikidze, Kirov, Yaroslavski, Mikoyan, Shvernik, Zhdanov, Shkirtin, e outros, que manteve erguida a grande bandeira de Lênin, agruou o Partido em torno dos legados de Lênin, e levou o povo soviético ao amplo caminho da industrialização do país e da coletivização da agricultura. O dirigente deste núcleo e a força orientadora do Partido e do Estado, foi o camarada Stálin.

Cumprindo magistralmente as tarefas de chefe do Partido e do povo, e contando com o pleno apoio de todo o povo soviético, Stálin, enfrentando, não permitiu que em sua situação aparecesse sombra de dúvida, orgulho e validade. Na entrevista dada ao escritor alemão Ludvig, na qual assinala o papel do genial Lênin na transformação de nossa Pátria, Stálin declara com simplicidade, falando de si mesmo:

«No que se refere a mim, não sou mais que um discípulo de Lênin e minha finalidade é ser um discípulo digno dele». (Stálin — Lénin, pg. 64, ed. esp.)



Stálin perante a morte de Lênin

da incorporação dos camponeses meios a construção do Socialismo. Dizia Stálin:

«O principal consiste agora em agrupar os camponeses meios em torno do proletariado, em reconquistá-los. O principal agora consiste em aglutinar-se com a massa fundamental dos camponeses, em elevar seu nível material e cultural e avançar juntamente com esta massa fundamental, pela via que conduz ao socialismo. O principal consiste em construir o socialismo juntamente com os camponeses, obrigatoriamente e obrigatoriamente sob a direção da classe operária, pois a direção da classe operária, é a garantia fundamental de que a construção irá pelo caminho que conduz ao socialismo». (J. Stálin — Problemas do Leninismo 9ª edição russa, pgs. 127-128).

Em dezembro de 1925, inaugurou-se o XIV Congresso do Partido. No informe político e econômico da União Soviética. «Sem embargo, — dizia Stálin — não nos devemos dar por satisfeitos com êsses êxitos, pois nosso país continua sendo um país atrasado, um país agrícola. A fim de assegurar a independência econômica do nosso país e consolidar sua capacidade defensiva, a fim de criar a base econômica indispensável para a vitória do socialismo, é necessário converter nosso país, de agrícola, em industrial. Da tribuna do XIV Congresso, o chefe do Partido dizia:

«Transformar nosso país de um país agrícola num país industrial, capaz de produzir, com seus próprios meios, as máquinas e ferramentas necessárias: eis em que consiste a essência, o fundamento de nossa linha geral». (Verso linguística do XIV Congresso do P. C. (B) da URSS, 1926, pag. 488, ed. russa).

Os defensores do capitalismo, Zinoviev e Kameniev, tentaram apor ao plano staliniano de industrialização socialista seu «plano», segundo o qual a URSS continuaria sendo um país agrícola. Era um plano de traidores, tendente à escravidão da URSS e sua entrega à secret das forças imperialistas.

Stálin arrancou a máscara desses infames capitulacionistas, desobediendo seu fundo trotskista menchevique.

No XIV Congresso, Stálin fez ressaltar que o empreendimento pelo qual o Partido era obrigado a aliança solida entre a classe operária e os camponeses meios na obra da edificação do socialismo.

(O XIV Congresso aparece como tarefa fundamental do Partido e

Esse informe e as resoluções formulavam de maneira clara e precisa a tarefa prática fundamental no problema nacional. Acabamos com a opressão nacional — disse Stálin — porém isso não basta. É preciso liquidar a indesejável herança do passado, com o atraso econômico, político e cultural dos antigos povos oprimidos; é necessário ajudá-los a se colocarem, a esse respeito, ao nível da Rússia Central. Stálin exortou o Partido a lutar contra o chovinismo absorcionista grão-russo, como perigo principal, assim como contra o nacionalismo localista.

Passou o primeiro ano da NEP. No XI Congresso (março de 1922), o Partido fez o balanço do primeiro ano da Nova Política Econômica, o que permitiu a Lênin declarar:

«Durante um ano, retrocedemos. Agora devemos declarar em nome do Partido: Basta! O objetivo que buscávamos com nosso recurso foi alcançado. Este período chega ao seu fim ou já está finalizado. Agora, passa ao primeiro plano outro objetivo: reagrupar as forças». (Lênin, Obras Completas, t. XXVII, pg. 238, ed. russa).

Era necessário pôr em prática as tarefas históricas apresentadas por Lênin no Congresso. A 3 de abril de 1923 o Pleno do Comitê Central do Partido, por proposta de Lênin, elegeu como Secretário geral do C. C. o melhor e o mais fiel discípulo e companheiro de luta de Lênin: Stálin. Desde então, Stálin vem ocupando esse posto, sem interrupção.

O ferimento que Lênin recebeu por ocasião do atentado contra sua vida, em 1918, e o intenso trabalho contínuo, minaram-lhe a saúde. A partir de fins de 1921, Lênin viu-se forçado a interromper, cada vez mais, seu trabalho. Todo o trabalho de direção do Partido correu por conta de Stálin.

Durante aqueles anos, Stálin realizou trabalho cíclico na formação das Repúblicas Soviéticas nacionais e, mais tarde, na unificação de todas as Repúblicas em um Estado federal: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A 30 de dezembro de 1922, o primeiro Congresso dos Soviéticos de toda a União, por proposta de Lênin e Stálin, tomou a resolução histórica sobre a união livre e voluntária dos povos soviéticos na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U. R. S. S.).

Ao intervir no Congresso, Stálin disse:

«Camaradas! Na história do Poder Soviético, o dia de hoje assinala uma viragem. Assinala a linha divisória entre o período an-

(b) da Rússia, Stálin dirigiu especialmente a atenção para a tarefa do Partido. Balanço dos trabalhos da XIV Conferência do P. C. No informe pronunciado perante o ativo da organização de Moscou...

Estas teses de Stálin serviram de base para a histórica resolução da XIV Conferência do Partido (abril de 1925). A Conferência aprovou a orientação leninista-stalinista para a vitória do socialismo na URSS, como lei do Partido, obrigatória para todos os seus membros. Estas teses de Stálin serviram de base para a histórica resolução da XIV Conferência do Partido (abril de 1925). A Conferência aprovou a orientação leninista-stalinista para a vitória do socialismo na URSS, como lei do Partido, obrigatória para todos os seus membros. Estas teses de Stálin serviram de base para a histórica resolução da XIV Conferência do Partido (abril de 1925). A Conferência aprovou a orientação leninista-stalinista para a vitória do socialismo na URSS, como lei do Partido, obrigatória para todos os seus membros.

logo já passado, durante o qual as Repúblicas Soviéticas, embora agissem de comum acordo, marchavam separadamente, ocupadas como estavam, em primeiro lugar, com sua própria existência, e o período novo, no qual se põe fim à existência isolada das Repúblicas Soviéticas, no qual estas se unem num Estado Federal único para lutar com êxito contra a ruína econômica, no qual o Poder dos Soviéticos já não pensa somente em sua existência, mas, também, em desenvolver-se como força internacional importante, capaz de exercer influência sobre a situação internacional, capaz de modificá-la no interesse dos trabalhadores». (J. Stálin, O marxismo e o problema nacional e colonial, pg. 169, Ed. Vitória, Rio de Janeiro, 1946).

A criação da U. R. S. S. constitui uma grande vitória da política nacional leninista-stalinista. A União Soviética foi fundada sobre a base inquebrantável da confiança que os antigos povos, oprimidos pelo tsarismo, depositavam no grande povo russo, sobre a base sólida da amizade entre os povos do País dos Soviéticos.

Em abril de 1923, celebrou-se o XII Congresso do Partido. Era o primeiro Congresso que se reunia, depois da vitória da Revolução Socialista de Outubro, sem a presença pessoal de Lênin, por causa de sua enfermidade. O Congresso tomou em consideração, nas suas resoluções, todas as indicações feitas por Lênin, em seus últimos artigos e cartas. O Congresso movimentou-se enérgicamente contra todos os que intentaram interpretar a NEP como um abandono dos pontos de vista socialistas, de todos os que propunham entregar-se às garras do capitalismo. O Congresso estigmatizou essas propostas de traição e de capitulação dos trotskistas e dos bukarinistas. Stálin prestou ao Congresso dois informes, o primeiro sobre a atuação do C. C. e o segundo em relação a Os fatores nacionais na construção do Partido e do Estado. No primeiro informe, Stálin apresentou amplo quadro da atividade do Partido, do seu crescimento, no reforço dos vínculos entre o Partido e as massas (Sindicatos, Juventudes Comunistas, Soviéticos, etc.). Fêz o balanço dos dois anos da NEP traçando as tarefas para continuar o movimento.

«Nosso Partido continua sendo um Partido coeso, monolítico, resistente às maiores viragens e que marcha para a frente com as bandeiras desfraldadas» (História do P. C. (b) da U. R. S. S., pg. 106, Ed. Horizonte, Rio 1946); assim terminava Stálin seu informe.

O Congresso consagrou séria atenção ao problema nacional. Em seu informe sobre esse ponto, Stálin sublinhou a enorme importância...

Lênin e Stálin em 1928



Apresentavam-se ao país dois caminhos para passar à grande produção na agricultura, capaz de empregar tratores e máquinas agrícolas e de elevar, em várias vezes, a produção de cereais para o mercado. O primeiro caminho era: passar à grande produção capitalista no campo, o que significaria arruinar as massas camponesas criando o desemprego forçado em massa na cidade, destruir a aliança entre a classe operária e os camponeses, fortalecer os culaques e banir o socialismo. Para este caminho desastroso, empurravam insistentemente o Partido os capitulacionistas e os traidores da direita.

O segundo caminho consistia na marcha pelo rumo do agrupamento das pequenas explorações camponesas em grandes explorações de tipo socialista, em colcos capazes de utilizar, em larga escala, tratores e outras máquinas agrícolas modernas, para rápido incremento do cultivo dos cereais e sua produção para o mercado. Evidente que o Partido bolchevique e o Estado Soviético só poderiam marchar pelo segundo caminho, pelo caminho colcosiano do desenvolvimento da agricultura.

O Partido bolchevique baseava-se nas sábias indicações de Lênin, relativas à necessidade de passar das pequenas explorações camponesas às grandes explorações coletivas, mecanizadas, as únicas que poderiam tirar dezenas de milhões de explorações camponesas, da miséria secular.

«Com a pequena exploração, não se pode sair da miséria», dizia Lênin.

A necessidade econômica mais elementar, a miséria do povo, exigia a passagem para o caminho da coletivização. E o Partido bolchevique guiado por Stálin, compreendeu acertadamente essa necessidade econômica vital e soube fazer voltarem-se as massas de milhões de camponeses para o caminho da coletivização.

